MONTEIRO FILHO
O Malho
ANNO XXXII
NUMERO 4
29 - 3 - 1934
Preço 1$200

MEU BRASIL

O caricaturista Seth desenhou e editou uma obra destinada a grande successo: o album "Meu Brasil", especie de historia do Brasil, resumida e illustrada, propria para creanças. Esse album está organizado de modo a facilitar, immensamente, o estudo da Historia patria, pois que a imagem ajuda a comprehender e a gravar os principaes acontecimentos da nossa vida politica e os homens que mais se distinguiram, na colonia, no Imperio ou na Republica, na vida publica, nas letras, nas guerras, na conquista e desbravamento da terra, na catechese dos gentios, etc. O album "Meu Brasil" apanha todo o periodo da nossa existencia, como territorio ou como nação, desde a chegada de Cabral, ao governo actual.

E' como se vê, uma obra utilissima e interessante.

O MALHO

ANNO XXXIII Propriedade da S. A. O MALHO NUMERO 43

Director: Antonio A. de Souza e Silva

Numero avulso em todo o Brasil { 1$200 Assignaturas: { Annual-----60$000 Semestral-30$000

Redacção e administração TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
Telephones: 3-4422 2-8073 - Caixa Postal, 880—RIO DE JANEIRO

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

ENTRE outros assumptos da proxima edição, destacamos:

CABOCLO DO NORTE
De Jayme d'Altavilla

CHRONICA
Por Berilo Neves

SINOS DE PASCHOA
De Assis Memoria

A MENINA DO MEU SUBURBIO
Por Hermes Gomes

CARTAZES NA INTIMIDADE
Carmen Miranda
Por Francisco Galvão

O CHEFE DOS CABINDAS
De H. Diniz, Filho

D'AQUI, D'ALI, D'ACOLÁ
Por Fragusto

ACREDITEM OU NÃO...
De Storni

TELEPHONE FATALIDADE
Por Leão Padilha

SECÇÕES DO COSTUME

Senhora, supplemento feminino — De Cinema — Carta enigmatica e charadas — Horticultura e Floricultura — O Mundo em Revista — Broadcasting — etc., etc.

DE FLORICULTURA E HORTICULTURA

FRUTA DE CONDE OU ATA (PINHA)

PLANTA originaria das Antilhas. Seu fruto tem uma longinqua semelhança com o fruto das Coniferas, e tambem contém no pericarpo tenue quantidade de um oleo essencial cujo aroma lembra o

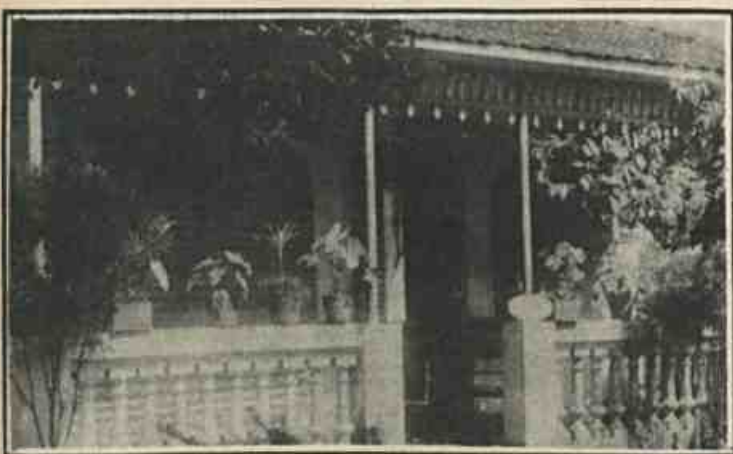
das plantas citadas. Quando está maduro, o mesocarpo da ata tem aspecto gelatinoso, sendo nisto parecida com Graviola — tambem da mesma familia — mas cuja composição chimica é bastante differente a respeito das proporções dos principaes componentes e pelo facto de não conter senão pequenas quantidades de materia tannica, ao passo que se encontra este producto em grande quantidade na ata verde.

A Glycose desse fruto, com o methodo muitas vezes citado, fórma um composto fusivel a 190°.

Os embryões verdes contêm fecula, mas esta desapparece nos maduros, contrariamente ao que costuma acontecer nesta parte do fruto. O mesmo se diga pela Glycose. Os embryões madudos extraidos com alcool fornecem pequena quantidade de uma substancia que com o sulfato de cobre fórma um liquido muito florescente.

UM BOM PRESENTE PARA OS HORTICULTORES

VAE surgir, em Abril entrante, nesta cidade, um livro precioso para os agricultores: é a "Horticultura pratica", cujo autor, o prof. Humberto Bruno, de Viçosa, o dedica ás escolas e fazendas. O prefacio é do prof. P. H. Holfs, uma cultura no assumpto. Elle diz, ahi, referindo-se á alimentação dos agricultores, que o arroz, o feijão e a canna constituem excellente nutrição para o trabalhador rural, mas são desaconselhaveis, por serem demasiado concentrados, aos cultivadores urbanos. A estes seria recommendavel exclusivamente o uso das hortaliças. O livro está cheio de ensinamentos e informes praticos para os que se dedicam á lavoura.

Pela porta se conhece o bom gosto

Aqui estampamos a linda entrada do jardim do nosso collaborador botanico Professor Dr. Eduardo Britto, de Viradouro — S. Paulo. Orchideas em pleno periodo de florescencia. Begonias em mistura com touceirinhas de avencas. Uma linda trepadeira faz cabriolas floraes, acolhendo ao visitante enamorado das flores e indicando aos que passam o bom gosto do proprietario.

MEL DAS FLÔRES DE LARANJEIRAS

A proposito do mel das flores de laranjeira, escreve Alin Caillas na obra **Les Produits de la Ruche**: "O mel das flôres da laranjeira apresenta uma bela côr amarelo ambar, claro, transparente, de um aroma muito agradavel e dum sabor doce, assucarado.

Quando se cristaliza é dum branco muito ligeiramente rosado, dum grão muito fino e unctuoso ao táto".

Eis a analise que apresenta um mel desta natureza proveniente de Jativa (Espanha):

Agua	21.00
Assucares sedutores .	68.70
Sacarose	6.30
Mat. albuminoides ..	2.15
Mat. mineraes.	0.97
Diversas e perdas ..	0.88
Total	100.000

Uso e utilização — O mel proveniente das laranjeiras é excelente como sobremesa, mas recomenda-se sobretudo na farmacopéa familiar sob as duas seguintes fórmas:

1.º— Em estado puro, na dóse de 100 grs. por dia, para adultos, em todos os casos de insonia consecutiva ás más digestões. Ele poderá ser igualmente tomado sob fórma de tisana na razão de 20 grs. de mel para 200 de agua.

2.º — Ele é auxiliar precioso na alimentação das crianças. E' calmante de primeira ordem e póde ser dado a partir do 4.º mês de idade seja puro ou em tisana ligeira.

Não passar de uma colher das de sobremesa por dia; e aumentar progressivamente á porporção que a criança cresce.

Consultar não obstante um medico.

Em resumo o mel das flores da larangeira é um remedio precioso contra a insonia e as más digestões.

CAIXA D'O MALHO

ANTEL (?) — Você escreve com simplicidade e até com mais ou menos, acerto. Falta-lhe, porém, originalidade. Escrever o que outros têm escripto aqui e alhures, repetir os conceitos que rolam nas conversas de toda gente, como *trouvailles* de observação ou philosophia, não é a funcção do publicista. Entretanto, gostei dos seus modos sensatos e sobretudo, admirei-me que, com tão pouca idade, V. não me enviasse versos de amor ou historias de namoro. Acho que deve continuar, mas procure themas novos.

JOPIOL (Rio Claro) — Enviei o seu trabalho á secção de palavras cruzadas e cartas enigmaticas. Por lá lhe será dada a resposta.

MANOEL MOREYRA (Santos) — O seu sermão sobre a felicidade está muito engenuo. Entretanto, para que você não considere perdido o seu trabalho, vou dal-o ao Monteiro Filho, que talvez se commova com a dedicatoria e decerto ha de lembrar-se do tempo em que se deliciava com as historias d'"O Tico-Tico".

LUIZ MUNIZ (Magdalena) — Vou cortar o segundo *ah!* do "Sol das Almas", pois um já é demais. No restante, o soneto parece-me bom. O chromo tambem póde ser publicado, embora não seja da mesma qualidade do soneto. Agradeço-lhe a confiança e a espontaneidade das suas expressões e senti-me feliz, lendo a sua carta, cheia de cordialidade e de benevolencia.

ODINILRA (Recife) — Não pude salvar nenhuma das suas collaborações. O conto, mal delineado, lymphatico de estylo.

A poesia "Infeliz" é um velho thema mal explorado. Sómente o outro poema tem qualidades aproveitaveis: delicadeza e emoção mas os defeitos de forma são numerosos.

NOVATO (Avaré) — Póde ser publicado, mas vae demorar muito. Aviso-lhe para evitar reclamações posteriores.

RUY AUGUSTO (Itapetininga) — O seu conto, genero horripilante, não póde ser publicado por tres motivos: é inverosimil, os dialogos não têm realidade, dada a sua emphase; e, finalmente, porque contém scenas demasiadamente fortes para uma revista lida por moças e creanças.

FRANCISCO QUEIROZ (Rio) — O estylo é um tanto fraco. E a historia, narrada por aquella forma, como um relatorio, perde 80°|° do seu interesse. Mas o enredo, bem desenvolvido, dá um bom conto.

CARLOS ALBERTO (João Pessôa) — Sahirá "Chuva e Saudade". Não é que a considere melhor que a outra. A vantagem está em ser mais curta. A crise de espaço, aqui, é um facto.

PAULO (Alvinopolis) — "O Pacato", bom. O "Impedimento" tambem póde ser publicado.

Em "Mysterio de uns olhos negros", a historia apparece narrada em um tom declamatorio e artificial que enfada e lhe tira todo o sabor.

WALDEMAR MENINO (Guarabira) — E' pouco para quem não se embaraça com preoccupações de metrica e rima. Dos poetas modernistas, eu exijo originalidade, vigor, elegancia. Lamentações, reticencias, lamurias, melancolias casemirianas — isso é material podre por excesso de uso.

C. E. VARADY (Rio) — Mas que salada o seu artigo sobre "Os Mestres da Humanidade"! Quanta citação barata e quanto logar commum sobre literatura e historia! E o peior é que, no final, mettendo-se em funduras, V. colloca, lado a lado, no mesmo plano de genialidade e na mesma categoria de glorias literarias, Dante e Camillo Castello Branco, Shakespeare e José de Alencar! "Relembrando" — é uma fantasia de menino quente: ingenua e banal. Você ainda não tem o espirito maduro para essas coisas.

Precisa de um pouco mais de experiencia e de leituras sadias.

MORAES ARRUDA (Itatiba) — Não sei se V. terá razão na sua theoria sobre a influencia dos medalhões, nem na comparação da sua obra com a de Menotti del Picchia.

O que lhe posso garantir é que sempre procuro ser justo e recto nos meus julgamentos. Não quero dizer que estes sejam infalliveis. Póde muito bem dar-se que os seus escriptos sejam umas obras primas. Infelizmente, não consegui alçar-me até á sua transcendente belleza. E... não gostei, tambem, do seu "Cubismo", cujo final achei fraco e sem graça.

JOÃO PEÃO (Campo Grande) — Não póde ser aproveitado nenhum dos dois trabalhos.

GUARANY (Rio) — O Sr. Juan A. Blanco, residente em Buenos Aires, Argentina, á rua 24 de Noviembre, 413, deseja saber o seu endereço.

GERALDO MENDES (Heliodora, Minas) — Você se queixa sem razão. Todas as poesias de sua lavra que temos regeitado tinham defeitos de forma ou fraqueza de inspiração. Agora mesmo, tenho a sua ultima remessa debaixo dos olhos. O soneto "O Mar" vae bem nos dois quartetos, o primeiro dos quaes parece-me esplendido. Mas os tercetos, positivamente, destoam do conjuncto. O ultimo, então, é fraquissimo. O soneto encerra-se com um verso sem relevo, e além de

DIOGENES DE NORONHA (C. Grande, Matto Grosso) — Bons ambos os seus sonetos. Sahirão, logo que haja um espaço disponivel para esse genero de composições.

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

As extraordinarias realisações de um grande industrial

UMA figura suggestiva de realizador: o Dr. Anton Frederik Philips, hollandez de Saltbommel, filho do banqueiro Frederik Philips, de quem foi um extraordinario continuador. Diplomado por uma escola commercial de Amsterdam, empregado de uma firma correctora, gerente, a seguir, da firma Philips, de Eindhoven, fundada por seu pae e seu irmão, o Dr. Anton Frederik Philips foi elevando-se, gradualmente, com a casa a que emprestava a sua actividade. Sob a sua direcção, os negocios dessa firma prosperaram tanto, que ella se tornou uma potencia no mundo dos negocios de radio, material electrico, lampadas de todas as qualidades, tubos para raios X e neon, etc.

A fabrica de Eindhoven, que possuia 42 operarios, chegou a empregar, sob a sua direcção, 23.000 pessoas, e, incluindo as filiaes espalhadas pelo mundo, 40.000 pessoas.

Com a crise mundial e as restricções alfandegarias impostas á importação, em todos os paizes, a fabrica de Eindhoven diminuiu o seu quadro para 13.000 operarios, mas ainda assim, o total dos seus empregados, na Hollanda e nas outras terras, eleva-se a 30.000.

Homem de negocios, o Dr. A. F. Philips é um technico em assumptos de economia e finanças, e os serviços que tem prestado á Hollanda são apreciados pelo povo e pelo governo deste paiz, que o consideram como um dos espiritos progressistas que mais têm trabalhado pelo desenvolvimento commercial da sua terra e pelo bem estar da humanidade. E é assim que, em 1928, a Universidade Commercial Hollandeza de Rotterdam, lhe conferiu o titulo de Doutor Honorario em Sciencia Commercial, e em 1927, após ter inaugurado as communicações com as Indias Orientaes e Occidentaes, por intermedio da estação transmissora Philips, de ondas curtas, a Rainha Guilhermina condecorou-o com a medalha de ouro por perspicacia e engenho, e com a Ordem da familia Orange e Nassau.

O Dr. A. F. Philips estabeleceu, para os seus operarios, um regimen de assistencia modelar, que lhe tem valido a estima de todos elles, creando, por conta da firma, fundos para pensões, para doentes, para diversões, para auxilio, instituto de educação e treinamento, etc.

Dr. Anton Frederik Philips

A obra que elle tem realizado, na Hollanda e fóra da Hollanda, não tem passado despercebida, na sua benemerencia aos governos de varios paizes que o têm condecorado: a Hollanda, com as distincções a que já alludimos acima e a de Cavalheiro da Ordem do Leão; a Belgica, com a medalha de Official da Ordem da Corôa Real; a França, com a de Commandante da Ordem da Legião de Honra; a Italia, com a de Grande Official da Ordem da Corôa; a Yugo-Slavia, com a de Commandante da Ordem de S. Sava; a Polonia, com a de Commandante da Ordem da Renascença; Portugal, com a de Grande Official da Ordem do Merito Industrial; a Rumania com as de Official da Ordem da Estrella e Commandante da Ordem da Corôa; a Hespanha, com a de Commandante da Ordem de Isabel a Catholica; a Tcheco-Slovaquia, com a de Commandante da Ordem do Leão Branco, e Marrocos, com a de Grande Official da Ordem de Quissam Alaouite.

Os productos Philips foram introduzidos no Brasil, ha mais de 20 annos. O nome do Dr. Anton Frederik Philips é, por isso mesmo, já bastante conhecido e estimado entre nós. Dahi, a repercussão que teve aqui o seu anniversario natalicio no dia 14 do corrente, quando o operoso industrial completou 60 annos.

ANATOLE FRANCE E OS LITERATOS

O autor de "Thaïs" era muito amavel para com os literatos, sobretudo para com os incipientes, aos quaes elle nunca cessava de animar.

— Mestre — perguntou-lhe, certa vez, um poeta da nova geração — que tal o meu livro?

— Li, e vou indicar-lhe a pagina que mais me agradou: a pagina 84. Não foi nessa que o Sr. poz toda a sua alma?

— Effectivamente encontra-se ali a minha melhor poesia.

O mancebo afastou-se, cheio de orgulho, mas um dos escriptores que haviam assistido á scena perguntou a Anatole:

— O Sr. leu, mesmo, o livro daquelle rapaz?

— Nem o abri — replicou o estylista.

— Mas, então, como póde affirmar que a pagina 84 era a melhor?

— Eu a citei por acaso... Todo poeta julga que cada uma de suas poesias é a melhor.

— E si a pagina estivesse em branco?

— Nesse caso, saberia defender-me, citando outra. Nós devemos contar sempre com a ajuda e a benevolencia dos deuses.

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DA 30.ª CARTA ENIGMATICA

CAPITAL FEDERAL

Lewis Weldon — Lucidio Lago, 54 — Meyer.

Lina — Otto de Alencar, 35.

Leda Castro — Delgado de Carvalho, 32.

Elmano Saladino — Soares Caldeira, 28 — Madureira.

ESTADO DO RIO

Luiza Klernsoigem — 15 de Novembro, 185 — Nictheroy.

Zizinha Nogueira — Cascatinha — Petropolis.

Mario Leite — Posta Restante — São Fidelis.

SÃO PAULO

C. Gonzaga — Tiradentes, 17 — Capivary.

Faustino de Araujo — Caixa Postal — Guaratinguetá.

Jogalvos — Alagoas, 7 — Capital.

Rosa Maria — Cyra, 12 — Santos.

Milton Carvalho — Alfredo Guedes, 8 — Sant'Anna — Capital.

MINAS GERAES

Herbert Magalhães Alves — Carmo do Parnahyba.

Maria Campelo — Sete Lagoas.

Lauro S. Ramos — Caixa Postal — Carandahy.

RIO GRANDE DO SUL

Eunice Chagas Pizarro — São Gabriel.

ESPIRITO SANTO

Maria das Dores — São João do Muquy.

Lourival Fontes Leite — Posta Restante — Cachoeiro do Itapemirim.

ALAGOAS

Ivan M. Paiva — Boa Vista, 437 — Maceió.

BAHIA

Fú-Mauchú — 2 de Julho, 106 — Itapagipe.

Maria Izabel — Marechal Bittencourt, 46 — Capital.

Maria Pais Coelho Filho — S. Jardin, 29 — S. Antonio de Jesus.

PERNAMBUCO

Carolinda Carvalho — Gervasio Pires, 368 — Recife.

Hermelinda Heloisa de Aragão — Conselheiro Theodoro, 386 — Zumby — Recife.

Ignez Neves — Avenida João de Barros, 668 — Capital.

Claudio Gomes de Lima — Nazareth.

PARAHYBA

Clelia Pinto Seixas — Epitacio Pessôa, 361 — Capital.

Lauro Ferreira — Mamanguape.

RIO GRANDE DO NORTE

Judite Landim — V. Bartholomeu, 606 — Capital.

Maria Freitas Leite — Jardim do Seridó.

A SOLUÇÃO EXACTA DA 30ª CARTA ENIGMATICA

TROVAS

O amôr é Deus pequenino,
Tão forte qual um tufão;
Domina nosso destino,
Vence nosso coração.

Quem ama, digo em resumo,
Vive sempre na incerteza,
Qual barco em rio, sem rumo,
Levado na correnteza.

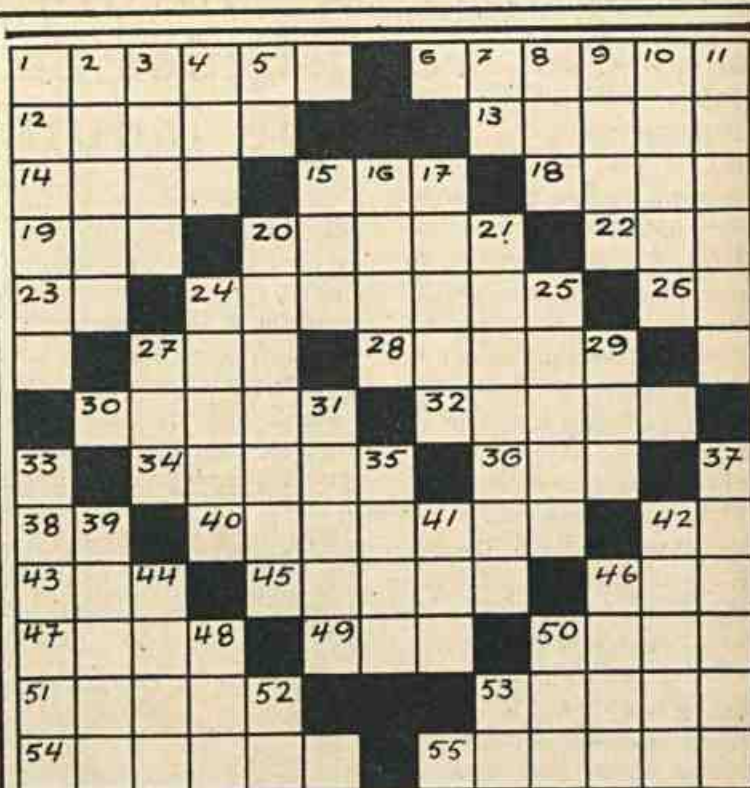
Gusmão Filho

PALAVRAS CRUZADAS

O problema de hoje é trabalho de estréa de um novo collaborador desta secção: o nosso leitor constante Othon Machado, residente em Nictheroy.

Designado o dia 28 de Abril para o encerramento deste torneio, esperamos que as soluções nos sejam enviadas até essa data para a nossa redacção — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio, acompanhadas do "coupon" respectivo, devidamente prehenchidos os seus claros.

Na edição d'O MALHO de 10 de Maio, apresentaremos o resultado do sorteio procedido e no qual serão distribuidos *10* magnificos premios entre os solucionistas.

Palavras cruzadas

HORIZONTAES

1 — Pimentinha vermelha. 6 — Folgazão. 12 — Cordilheira do Japão. 13 — Embarcação a vela. 14 — Pedra chata. 15 — Planta graminea. 18 — Tapume. 19 — Antiga montanha da Grecia. 20 — Corda para apertar o pé das uvas no lagar. 22 — Creada. 23 — Nome de varias tribus de indios. 24 — Calcamos. 26 — Antonio João. 27 — Protoxydo de calcio. 28 — Moeda de prata da Persia. 30 — Pedra de riscar. 32 — Lagoa do Rio Grande do Sul. 34 — Togas. 36 — Sadio. 38 — Pedaço de rua. 40 — Forro. 43 — Estuda. 43 — Nome hespanhol. 45 — Instrumento. 46 — Infortunio. 47 — Divisão dos mezes entre os romanos. 49 — Emilio Almeida Zacharias. 50 — Magistrado turco. 51 — Mordaz, Satirico. 53 — Tempo de verbo invertido. 54 Sobrecarregar. 55 — Especie de lentilha.

VERTICAES

1 — Companheiro. 2 — Doudo. 3 — Feiticeira. 4 — Eixo. 5 — Sorrir. 7 — Antonio Ferreira. 8 — Fluido. 9 — Rua de arvores. 10 — Paiz da Africa. 11 — O mesmo que caju'. 15 — Preposição. 16 — De viva voz. 17 — Tropas. 20 — Tecido de lã aspera e grosseira. 21 — Tempo preterito da conjugação grega. 24 — Funcção. 25 — Um dos 12 apostolos. 27 — Medida antiga, egypcia ou judaica. 29 — Sujeito sem coração. 31 — Espada curta. 33 — Claro. 35 — Ceifa. 37 — Todo xarope preparado com mel. 39 — Cidade da Bulgaria. 41 — Pano de armar casas. 42 — Instrumento de costura invertido. 44 — Suave. 46 — Escriptor allemão da actualidade. 48 — Tres quartos da mulher de Abrahão. 50 — Infusão de flores ou folhas de certas plantas. 52 — Carta invertida. 53 — Conjuncção.

PALAVRAS CRUZADAS
COUPON N. 9

Nome ou pseudonymo .. ..

.. ..

Residencia .. ..

.. ..

.. ..

Programma

Não ha duvida de que Hekel Tavares, de todos os nossos compositores, é o mais brasileiro, o que mais sabe sentir a alma que podemos chamar de nacional.

Atravez das suas melodias, muito mais, para mim, do que dos seus rythmos, divisa-se a physionomia dolorida, ingenua, cheia de simplicidade, da nossa patria soffredora e sonhadora.

Ao talento de Hekel Tavares já devemos uma copiosa contribuição para aquillo que um dia será a expressão da musica popular brasileira e que hoje ainda se nos apresenta como sendo algo de inaccessivel, fora do alcance collectivo.

Popular, entre nós, a gente traduz por samba do morro e marchinha de Carnaval.

Por isso é que se recebe com uma alegria desusada iniciativas louvaveis como a da "Radio Mayrinck Veiga" mandando Hekel Tavares compor numeros exclusivos para o seu microphone e fazendo-os transmittir nos concertos da "Confederação Brasileira de Radio-Diffusão".

Accrescendo o valor das suas producções, é justo salientar-se tambem a escolha que esse alagoano sabe fazer dos textos poeticos por elle musicados.

Hekel tem exercitado a sua inspiração sobre paginas de real merito, destacando-se de Ascenço Ferreira, de Lobão Filho, de Luis Peixoto, e agora de Sodré Vianna, com quem escreveu *Dansa Negra*, um poema que Freud, se fosse brasileiro e poeta — oh, pleonasmo! — assignaria com prazer.

Ouvimos essa nova peça de Hekel interpretada pela voz moça de Silvia Mello, secundada pelos Irmãos Tapajoz, que encontraram um novo campo propicio aos seus pendores artisticos.

E daqui fazemos votos para que não morra no nascedouro a nova phase que a radiophonia promette á musica popular, verde e amarella, deste Brasil amado, idolatrado, salve, salve...

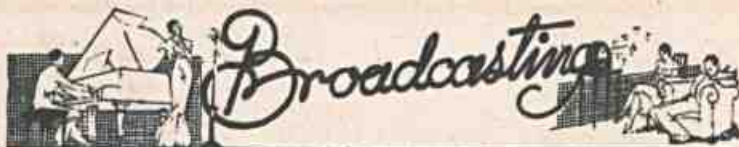
O. S.

Acha-se em preparativos a organisação de um programma de radio que se denominará "Noite dos Facões", havendo sido convidados para a mesma os artistas André Filho, Zézé Fonseca, Noel Rosa e outros... O publico terá, pelo menos, os ouvidos cortados...

— —

O compositor Jota Machado é o feliz auctor da valsa "Mez de Maria", que o sr. Francisco Alves canta e que contém o seguinte verso primoroso:

"onde o amor *floreja*"...

Floreja será cousa de comer?

ESTRELLAS DO BROADCASTING NACIONAL

A contralto Julita Peres da Fonseca cantando ao microphone de uma das sociedades de radio da Capital paulista.

O Santos, da casa "O Pinguim", é um dos maiores enthusiastas da marcha de João de Barro, intitulada *Trem Azul*, um dos successos do ultimo Carnaval. Explicando a razão dessa sua preferencia, elle disse:

— Vocês comprehendem. Para mim, a musica só presta quando eu vendo muitos discos. E "Trem Azul" tenho certeza de vendel-o durante muito tempo, porque, em ultimo caso, eu o pinto de outra côr...

NEGOCIOS DA CHINA

Nankin, 17 — O general Piu-Chô-Miáu, chefe do governo nacionalista, mandou fusilar todos os "speackers" de radio.

UM NOVO "MANDA CHUVA"...

Os musicos deram, agora, para se intrometterem na vida dos elementos. Um delles, o violoncelista Paschoal Weingartner, cognominado o "interventor da atmosphera", affirma ter inventado um apparelho para fazer chover. Outro, agora, o pianista Julio de Oliveira, não inventou apparelho nenhum, mas compoz uma valsa — "Chuva de estrellas" — que está fazendo o seu "quarto de hora" no agrado popular. E convenhamos que o "invento" de Julio de Oliveira é bem mais interessante que o do sr. Paschoal Weingartner...

NOTAS FÓRA DA CLAVE

Mais uma estação de radio acaba de entrar para o quadro de filiadas da "Confederação Brasileira de Radio Diffusão". Trata-se do "Radio Club de São Paulo" (P. R. A. 5), cuja admissão foi resolvida em uma das ultimas reuniões do Conselho Director. A rede da C. B. R. comprehende, já, quatorze "broadcastings" das mais importantes do paiz.

— —

Num dos ultimos dias de Março foi transmittido para todo o mundo um programma de onda curta em que foram faladas varias linguas, inclusive o portuguez, pelas grandes estações da "General Electric" em Schenectady, Estados Unidos. A presença de Ripley, o famoso jornalista que creou a celebre secção de radio "Believe it or not", deu forte attractivo á irradiação que foi captada em todos os continentes.

— —

Gina Cruz, artista brasileira que aqui sempre foi pouco conhecida, continúa agradando extraordinariamente o publico argentino, havendo sido contractada como exclusiva pela Radio Fenix, de Buenos Aires, juntamente com o violonista Josué Barros e seu filho Alberto. Mais uma vez confirma-se o rifão de que ninguem é propheta em sua terra...

— —

Hekel Tavares, o consagrado estylista da musica brasileira, foi contractado pela "Mayrinck Veiga" para escrever numeros exclusivos destinados áquella broadcasting carioca. Varios dos numeros com que a *Mayrinck* brindou os seus ouvintes, receberam letras de Sodré Viana, o brilhante chronista de radio do vespertino *O Globo*. Confirmou-se, assim, uma nota que *O Malho* deu em primeira mão

— —

Com a acquisição de Francisco Alves, Castro Barbosa, Silvio Caldas e outros elementos, a "Radio Sociedade do Rio de Janeiro" prepara-se para offerecer concurrencia aos programmas populares das demais estações. Até agora, dedicando-se a transmissão de musicas inaccessiveis ao agrado popular, na maior parte dos seus programmas de Studio, a referida transmissora não conseguia jamais a attenção do grosso dos ouvintes de radio, o que, de certo, se reflectia na sua balança commercial, isto é, na quantidade de annuncios que chegavam aos seus balcões. E como tudo se cingia numa numa questão... de cifras, vamos ter, doravante, a "Radio Sociedade" irradiando sambas do morro... Ou não?

Nem todos sabem que...

Existem na capital da Bulgaria, Sophia, theatros magnificos onde são representadas peças de primeira ordem. Cada anno, o Theatro Nacional inaugura a sua estação com uma peça nova. Este anno, a "première" coube a um drama historico, "Para o abysmo", de autoria de Ivan Vazov, seguindo-se-lhe no cartaz "Hamlet", de Shakespeare, e "Grande Hotel", adaptação do romance de Vicki Baum. Entre os theatros de operetas contam-se o "T. A. Sladkarov" e o "T. Livre", este inaugurado recentemente, tendo subido a scena a comedia "Verre d'eau", de Scribe.

* * *

Os editores suecos acabam de abrir uma **enquête**, util e curiosa, consistindo em saber as razões que levam as pessoas a escolher um livro. A **enquête** foi feliz e por ella se ficou sciente que, uma vez por cento, é o aspecto do livro que decide o leitor; 1, 56 % o nome do livreiro; 3 %, o nome do autor; 5 %, os annuncios; 7 %, os conselhos dos amigos; 8 %, o titulo do livro e, finalmente, 30 % os registros litterarios.

* * *

No solo do valle do Rheno, entre as collinas de Odenwald e as de Hardt (Allemanha), foi encontrada uma valiosa reliquia. Consiste nos copos de uma espada de ouro ricamente ornada de perolas. Os archeologos opinam que se trata de uma arma do tempo da transmigração dos Povos, isto é, lá para o anno 450 antes de Christo, e que ella seria a espada conhecida na Historia sob a denominação de "Durindana". O Museu do Palatinado de Heidelberg recolheu-a entre suas custosas preciosidades.

* * *

A maior Biblia do mundo se acha no Vaticano. E' escripta em hebraico e pesa 520 libras. Para transportal-a serão precisos tres homens. Em 1572, uma Sociedade de Veneza propoz ao Papa compral-a pagando-lhe, em ouro, uma somma correspondente a seu peso. Mas o Pontifice recusou a offerta. Calcula-se, hoje, que o dito livro vale nada menos que alguns milhões de liras, milhares de contos.

* * *

O pintor hollandez Vicenz Van Gogh, uma noite de Natal, em Arles (França), onde fixara residencia, attrahido pela natureza meridional, foi atacado subitamente de um accesso de loucura.

Elle se encontrava num albergue. Bebia absyntho. A certa confita, atirou o copo, em que absorvia o liquido, á cabeça de outro artista, Paul Gauguin. Mais tarde, entrando em casa, cortou uma de suas orelhas e, na rua, offereceu-a numa folha de papel, a uma mulher de má condição. Elle se despediu desta vida dando um tiro no coração, a 29 de Julho de 1890. Paris cultua agora a sua memoria, retribuindo-lhe um elogio.

Elle declarara em carta a um irmão que "estamos aqui numa patria".

* * *

A padroeira da Aviação, na Italia, é Nossa Senhora de Loreto. No primeiro domingo de Setembro costuma effectuar-se na cidadezinha latina a benção dos aeroplanos, que é dada pelo bispo da diocese, deante de uma incalculavel assistencia.

LUZ E SOMBRA

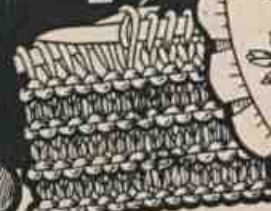
Um sino que badala —
Alegremente,
festivamente.

Uma visão que passa,
uma esperança que esvoaça...

Um sino que badala —
tristemente,
desoladamente.

PAULO A. DE FIGUEIREDO

— Afinal, quanto é que você percebe?
— Eu percebo tudo quanto você quer saber.

Arte de Bordar
RISCOS PARA BORDAR E
ARTES APPLICADAS
APPARECE NOS DIAS 15 DE
CADA MEZ
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
RIO DE JANEIRO
ARTE DE BORDAR é uma revista mensal de riscos para bordar e artes applicadas. Contém 20 paginas de grande formato e dois grandes supplementos que vêm soltos dentro da revista com os mais encantadores e suggestivos riscos para bordados em tamanho de execução. A capa da revista, em quatro e cinco côres, traz sempre um lindo motivo de almofada ou toalha e, no texto, o risco correspondente com todas as explicações para executar o trabalho.
ARTE DE BORDAR contém riscos para: Sombrinhas, Almofadas, Stores, Kimonos, Monogrammas, Pyjamas, Guarnições e Toalhas para altar, Guarnições para "lingerie", Roupas brancas, Roupas para creanças, Guarnições para cama e mesa. --- Trabalhos: Em "Crochet", Rafia, Lã, Pellica, Panno couro, Feltro, Estanho, Pinturas, Flores, etc.
QUALQUER LIVRARIA, BANCA DE JORNAES E TODOS OS VENDEDORES DE JORNAES DO BRASIL TÊM Á VENDA A PUBLICAÇÃO ARTE DE BORDAR.
A REVISTA, CONTENDO OS DOIS SUPPLEMENTOS SOLTOS, CUSTA APENAS 2$000 EM TODO O BRASIL.
NUMEROS ATRAZADOS DE "ARTE DE BORDAR"
DESTA CAPITAL, DAS CAPITAES DOS ESTADOS E DE MUITAS CIDADES DO INTERIOR, CONSTANTEMENTE SOMOS CONSULTADOS SE AINDA TEMOS TODOS OS NUMEROS ATRAZADOS DE ARTE DE BORDAR. PARTICIPAMOS A TODOS QUE, PREVENDO O FACTO DE MUITAS PESSOAS FICAREM COM AS SUAS COLLECÇÕES DESFALCADAS, RESERVÁMOS EM NOSSO ESCRIPTORIO TRAVESSA DO OUVIDOR, 34, TODOS OS NUMEROS JÁ PUBLICADOS, PARA ATTENDER A PEDIDOS. CUSTAM O MESMO PREÇO DE 2$000 O EXEMPLAR EM TODO O BRASIL E TAMBEM SÃO ENCONTRADOS EM QUALQUER LIVRARIA, CASA DE FIGURINOS E COM TODOS OS VENDEDORES DE JORNAES DO PAIZ.
PEDIDOS DO INTERIOR
Snr. Gerente de ARTE DE BORDAR — Caixa Postal 880 — Travessa do Ouvidor, 34-Rio
Pedidos sob registro
Envio-lhe
2$000 para receber 1 numero
16$000 " " durante 6 mezes
30$000 " " " 12 "
Nome
Ender.
Cid.
Est.
PREÇO
2$

Semana Santa

NA parte dos Evangelhos concernente aos ultimos dias do Redentor na terra, nota-se admiravel condensação de ensinamentos.

Tamanhos, de tal peso e alcance, acumulam-se os sucessos da semana decorrente da entrada triunfal em Jerusalem até á resurreição, que, — parece —, o Mestre adrede deixou para o final as manifestações mais significativas da sua missão.

Nas ovações do domingo, afére-se a vangloria da popularidade.

Quantos dos que então o aclamaram, quantos desses entusiastas do heróe do momento, não assistiram indiferentes, ou hostis, poucos sóes mais tarde, ao suplicio desse herói, a quem haviam chamado rei de Israel, e cuja existencia reputaram, por fim, menos valiosa do que a do criminoso Barrabás?!...

Demonstra-o a Historia: não raro ri e folga o pôvo, iludido por falsos guiadores, exatamente no instante, em que se lhe preparam tremendas catastrofes!

Penetra Cristo no templo e vehemente expéle os profanadores.

Em seguida, cura cégos e aleijados, para evidenciar que a sua imensa misericordia costuma suceder á sua inflexivel justiça.

Na segunda-feira, sofre as primeiras angustias da Paixão, como verdadeiro homem que era; péde ao Pai que o livre daquela hora, mas resigna-se, pensando que para aquela hora expressamente viéra.

Encarece a força milagrosa da Fé; narra magnificas parabolas.

A proposito do dinheiro de Cesar, estabelece os limites entre o espiritual e o temporal.

Fixa o grande mandamento do amor do proximo; assiste á tocante dadiva da viuva pobre, acentuando que mais vale a dadiva tirada da indigencia do que as fornecidas pela abundancia.

Terça-feira passa-a no Templo, doutrinando, elucidando, ameaçando até, na tentativa de supremo esforço em prol da salvação:

A's ameaças sobrevêm logo palavras de clemencia e esperança.

Quarta-feira é o dia apropriadamente chamado das trévas, o da conjuração, o da tragedia na alma de Judas, em quem entrara Satanaz.

Na quinta-feira, aparelha-se e realiza-se a refeição da Pascoa.

Humilha-se o Altissimo na comovente cerimonia do lava-pés.

Institue a sublime Eucaristia, depois de denunciar a traição de Iscariotes, mostrando que, á sua lei, se pódem resgatar quaisquer pecados, regenerar-se, merecer indulto o maior dos delinquentes.

I n s i s t e no mandamento: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.

Nisto conhecerão todos que sois meus discipulos, si vos amardes mutuamente."

Mas exibe-se a miseria humana: Jacta-se Pedro: "Eu darei por vós a minha vida!" ao que Jesus docemente responde: "Não cantará o galo sem que me tenhas negado tres vezes."

Avisando a Pedro da sua fraqueza, perdôa-lh'a, conferindo-lhe a supremacia.

E consóla os discipulos; profetiza as perseguições futuras, nas quais o Espirito-Santo os fortalecerá, até que o triunfo corôe a luta.

Exalça a eficacia da préce, óra por si mesmo, pelos apostolos, por todos os cristãos.

Sexta-feira: eis as estupendas cenas do deicidio, o martirio, a morte, o sepultamento.

Sabado, domingo: os prodigiosos episodios da resurreição.

Concentra o menor incidente deste periodo hebdomadario mundos de lições e exemplos sem par.

Vislumbra ascencionalmente quem neles medite inefaveis abismos da claridade eternal.

Affonso Celso

Assis Memoria

NO CALVARIO

(Especial para O MALHO)

Rezavam os sagrados vaticinios que a agonia de Jesus, no Golgotha, revestiria todos os aspectos, ainda os mais afflictivos, peior ainda, os mais aviltantes e ignominiosos. Assim aconteceu. Coberto de baldões, saturado de oprobrios de uma soldadesca vil e de uma plebe, além de vil, allucinada, faltava-Lhe a suprema injuria, um requinte de suprema affronta: ser crucificado entre dois ladrões, a mais abjecta escoria de Jerusalem. Pois, na hora extrema, accrescentaram-Lhe mais esse ultrage, aggravaram-Lhe a angustia com essa ignominia a mais. Estava completo o calix da amargura, esse tremendo calix que o Mestre resolvera sorver até á lia, exgottar até o ultimo trago.

Exposto ao sarcasmo da turba, aos apodos da multidão réles, já era um grave vexame, attendendo ao madeiro infamante de que pendia: uma cruz: martyrio reservado, naquellas éras, aos criminosos mais despresiveis, aos delinquentes mais abominaveis.

Estar, porém, collocado na cruz e entre dois ladrões, que haviam merecido pena capital, taes eram os seus delictos, tamanhas as suas iniquidades, não valia sómente um vexame, porque orçava pela abjecção suprema. O Mestre comprehendia tudo isso, mas, sereno sempre em meio áquella miseria, do alto do patibulo affrontoso, continúa a evangelizar a caridade, a pregar o amor, a distribuir, superiormente, o perdão. Inteiramente só, abandonado dos discipulos, no deserto de uma angustia tão profunda quanto hedionda, Jesus tem a companhia de dois representantes da humanidade, a mais repellente. São as testemunhas do seu atroz martyrio. Mais do que isto: seus companheiros de infortunio, seus iguaes no castigo, como si iguaes fossem no crime e na maldade.

Não importa! O principe dos martyres, o homem de todas as dôres, como Lhe chamou, propheticamente, Isaias, não perde a serenidade de animo. Imagina-se qual seja a sua angustia intima, mas o abatimento moral não é jamais accessivel áquella alma, em cujos sentimentos a misericordia era maior do que tudo, a bondade ultrapassava todos os mais predicados. Elle, neste passo, quero dizer, acompanhado, na hora extrema, pelos dois scelerados, demonstra a nobreza divina destes sentimentos elevados. Trava-se entre os dois ladrões aquelle dialogo celebre: "Este bem mereceu, como nós, a pena que soffremos"—observa o máu ladrão, que se chamava Gestas. "Absolutamente, não"—volve o outro, que se denominava Dimas. E continúa: "Este só fez o bem, é innocente, o que Lhe impuzeram é uma injustiça". E, voltando-se para Jesus, implora, contricto: "Senhor, lembrae-vos de mim quando estiverdes em vosso reino!" A'quella supplica, que era uma prece e toda uma expressão sentida de arrependimento, o Christo, sempre superior, sempre meigo, bondoso sempre, responde com o perdão: "Hoje mesmo tu estarás commigo no Paraiso". Scena tocante, na verdade! N'aquelle momento, rematou o Padre Antonio Vieira — aquelle bom ladrão já estava no Paraiso; bastava para tanto gosar aquella companhia divina!

ALMA DE CACHORRO

POR CARLOS MAUL
ILLUSTRAÇÃO DE JORGE BASTOS

ERAM duas horas da madrugada quando o automovel parou em frente ao botequim rustico da estrada da Gavea. O grupo saltou. As duas mulheres e os dois companheiros procuraram um recanto menos illuminado do terreiro vasio, um ponto onde a belleza do sitio fosse mais viva sob o luar que a fronde de uma arvore velha filtrava.

Sentaram-se todos. Estavam juntos, numa noitada com fumaças de noitada alegre, e pareciam sombras solitarias, com o pensamento afastado da realidade circumdante. Helena, a gorda, não quiz beber. Os outros tomaram cerveja, mais para se libertarem da presença do creado solicito que mosqueava ao redor da mesa, insistente, com a voz melliflua e o sorriso de ternura que transformam o offerecimento de um serviço em pedido de gorgeta.

— Não toma nada?...

Helena resmungou:

— Um guaraná gelado...

O pintor correu os olhos na paizagem.

— Bonito isto...

Com effeito, aquelle trecho aberto á beira do caminho e voltado para o oceano era um thema pictorico. As figuras em transito compunham sempre um quadro novo, porque a Natureza muda de physionomia de accordo com os typos humanos que a ella se incorporam.

Mas havia ali um personagem permanente que impressionava e feria a vulgaridade dos adventicios. Um cão preto, grande, de andar desengonçado, e com uma infinita tristeza no olhar, a tristeza dos bichos famintos que esperam a generosidade precaria das creaturas.

Helena procurou nelle um diversivo para a sua melancolia.

— Passa fóra, Turco!... — gritou o creado, aspero, e approximando-se para bater no animal.

— Não maltrate o bichinho! — disse Helena com voz macia. Coitado!... Tem fome...

O creado informou:

— Qual, nada! Elle até come de mais...

Helena tomou a cabeça do cachorro entre as mãos e fitou-lhe as pupillas. Havia no fundo dellas qualquer cousa de oriental, de longinquo, que justificava o appellido tão commum na familia canina.

— O pobrezinho precisa comida. Que tem você ahi que sirva para elle?...

O pintor pediu:

— Traga uma "sandwich", de mortadella. "Sandwich" para cachorro.

O creado sorriu:

— Só temos de presunto...

— Pois traga de presunto — obtemperou Helena. Traga de presunto, mas como se fosse para nós.

O cão parecia entender o dialogo. O seu ar era de expectativa. Moveu a cauda. Respirou forte. Vieram as "sandwiches". Dois pães que se confundiam com borracha e duas lascas de uma cousa inexpressiva, entre vermelha e esverdeada, em principio de decomposição.

— Isto é mesmo "sandwich" para cachorro, "sandwich" para um banquete de viralatas — asseverou o pintor.

— Para cachorro?... Não faltava mais nada tratar-se este vagabundo a "sandwich"...

Helena offereceu uma fatia ao Turco:

— Toma...

O cão lambeu-se todo. Quasi enguliu, sem mastigar, o acepipe, e em minutos o prato estava vasio. Helena quiz informar-se da vida do Turco: — Por que será elle assim todo quebrado?...

— E' um malandro... Não sabe da estrada. Por isso é atropelado a toda a hora. Ainda hontem levou um tranco que o deixou descadeirado...

Helena amou naquelle instante o cachorro desgraçado. Que extranha affinidade a prendia ao bicho infeliz que não abandonava o logar onde o martyrisavam! Ella tambem se lembrava do amante que lhe fugira depois de esbordoal-a... Se o seu corpo estava integro, mau grado as ecchymoses que lhe manchavam a alvura lactea, a sua alma era como aquelle cão mutilado. Desarticulada, tropega, envelhecida prematuramente, enchia-se de perdões para o monstro. A ternura era a unica cousa que possuia para pagar a brutalidade.

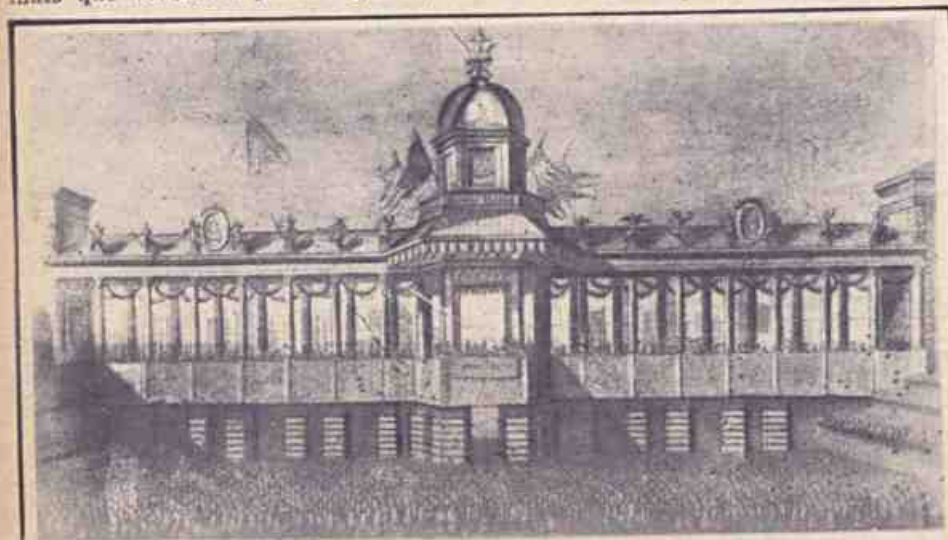
— E' por isso que se diz que ha mulheres com alma de cachorro... Alma de cachorro... Mulheres que apanham... Masochistas?... Não... A sciencia inventou esta palavra difficil para dizel-as degeneradas. Helena falava, sózinha, como se ninguem a ouvisse, como se apenas a escutasse o pobre diabo cujo pello de seda suja os seus dedos longos afagavam...

— Turco, você tem raiva dos que te maltratam?... Não tem... Você é bom... Você soffre...

Helena levantou os olhos para o pintor: — Ah! Augusto, se vocês fossem bons como os cães... Vocês são maus...

— Se fossemos como os cães a existencia seria insipida e monotona... Apanhariamos, com certeza, das mulheres...

UMA RELIQUIA UNICA:

Narram os evangelistas Marcos, Matheus e Lucas que, quando Jesus foi descido da Cruz, José de Arimathéa e Nicodemos envolveram o santissimo corpo do Martyr do Golgotha num lençol perfumado de aloes e outros unguentos. O evangelista João expõe, em sua narrativa da Resurreição, que o preciosissimo envoltorio, assim como as outras peças de linho que haviam velado o divino corpo, foi encontrado por S. João, S. Pedro e as tres Marias emquanto Nosso Senhor, resurrecto, se dirigia para Galiléa, afim de reapparecer aos Apostolos. Outros particulares não se vêem nos quatro Evangelhos; mas é mais que verosimil pensar que aquellas senhoras caridosas recolheram o sudario

Desenho de Philippe Juvara, figuran do uma exposição do Santo Sudario na Praça Castello.

do Divino Mestre e o conservaram como uma recordação ou testemunho precioso de sua resurreição. O sagrado linho é o Santissimo Sudario que, trinta e tres annos após sua exposição, em Roma, esteve, recentemente, á mostra, na Cidade Eterna.

A veneranda reliquia é de propriedade da Casa de Saboia. O rei da Italia é seu depositario e custodio.

Seria longo e, mesmo, arduo descrever as copiosas vicissitudes por que passou o Santo Sudario, desde varios seculos.

Primeiramente, achava-se na Terra Santa, á época em que tombou em poder dos Sarracenos e, depois, dos Ottomanos. Os Christãos, perseguidos, transportaram-no, juntamente com outras reliquias, a Constantinopla. Durante a pilhagem soffrida pela cidade de Constantinopla em 1202, o Sudario passou ás mãos do Bispo de Troyes (França), o mais annoso dos cinco bispos cruzados e a cujo trespasse, verificado em Constantinopla, em 1205, ficou sendo de propriedade de um cruzado, descendente daquelle prelado, Guilher de Champlite. A esposa de Guilherme, Margarida, da

Os bispos que expuzeram a veneranda reliquia em 1898.

Estampa representando a fé dos Turinenses no Sagrado Linho, durante a peste de 1630.

familia dos Charny, ao deixar a Borgonha, em 1452, transferiu-se para Chambery, capital do Ducado de Saboia, que era governado por Ludovico I. A este illustre principe foi confiado o collendo envoltorio, a 22/3/1452. No incendio que se declarou, em dezembro de 1532, na capella onde jazia encerrado, o linho abençoado não pôde escapar ás chammas, e o signal dos damnos que lhe causaram pode observar-se proximo á imagem do corpo do Crucificado.

Sob o reinado de Manoel Philiberto, tendo o Cardeal Carlos Borromeu expresso o desejo de venerar o Santo Sudario,

Medalhas commemorativas de algumas exposições da magnifica reliquia: as do duque Ludovico (1453); as do duque Carlos II (1487); as de Emmanuel Philiberto (1573) e, finalmente, as que foram cunhadas em 1898.

O SANTISSIMO SUDARIO

o duque sabaudo fez transportar a sacra reliquia para Turim, no proposito de poupar ao santo sacerdote as fadigas da viagem.

Collocada primeiro na igreja real de San Lorenzo, a divina mortalha ali permaneceu até 1694, quando foi retirada, passando a constituir a magna preciosidade da capella dos Guarini, onde está actualmente, dentro de um cylindro de prata.

Por occasião da ultima exposição publica do Santo Sudario, de 25 de maio a 2 de junho de 1898, houve um acontecimento de summa importancia. A quem observar com attenção a mortalha do Menino-Deus deparar-se-ão algumas sombras, signaes e manchas. Quando, em 1898, Secondo Pia obteve do rei da Italia permissão para photographar o lençol do Christo notou-se que havia nelle traços de figura humana impressos a sangue, proveniente, plausivelmente, da ferida. Secondo Pia, que observara conscientemente essas maculas, asseverou que, indiscutivelmente, "a imagem apparecida no sudario não se devia a nenhum pintor".

A reliquia tem sido guardada com dedicado zelo pela Casa de Saboia. Humberto I, em recordação da exposição do Santo Linho, feita em 1898, fez mesmo cunhar uma medalha commemorativa com esta inscripção latina: "Felix Domus Sabaudiae quae, tanto pignore ditata, sacro hoc munere gaudet". (Feliz é a Casa de Saboia que se ufana de possuir tão grande reliquia).

No Anno Santo, a Sagrada Mortalha foi exposta novamente, graças a Pio XI que, em bulla, datada de 17 de janeiro de 1933, solicitara a Victor Emmanuel III a devida permissão.

Desde o VII° seculo de nossa éra, começaram a apparecer em varias partes do Mundo noticias referentes ao Santo Sudario. Em Constantinopla (Turquia), em Besançon (França), etc.

Em França, nos principios deste trintennio, um scientista da tempera de Binet Sanglé, o Sr. Paul Vignon, quiz provar, num livro, "O Lençol do Christo", que as manchas, que se lobrigam no divino envoltorio, "teriam sido produzidas por emissão de vapores ammoniacaes, provenientes da uréa de um suor morbido e tendo-se imprimido num tecido impregnado de certo composto aloetico".

Innumeras vozes autorizadas levantaram-se contra essas affirmações, tanto em França como alhures, principalmente em França que, mesmo, se ufanou de possuir tambem, num de seus templos catholicos, a verdadeira Reliquia.

O preciosissimo lençol conforme uma miniatura de Giulio Clovio (Pinacotheca Real de Turim)

São Carlos Borromeu, circumdado pelos bispos do Piemonte, apresenta o Santissimo Sudario á população de Turim. (De uma estampa de 1578).

Iconographia do Santo Semblante de Jesus: 1) A mais antiga de todas as Veronicas. Esta é attribuida a São Lucas. — 2) O Santo Semblante cognominado "do Smeraldo". — 3) O Santo Semblante que se venera em Tours (França). — 4) Antiga imagem do rosto de Jesus que se conserva na Bibliotheca Nacional de Paris. — 5) A Veronica de frei Halebey (XVIII° Seculo) ora no Vaticano. — 6) O Christo, segundo Puttini (Bibl. Nac. de Paris). — 7) A Veronica dos Byzantinos, que se vê em Genova. — 8) A Veronica dos Madrilenhos (Escurial). — 9) O Santo Semblante pintado pela irmã di Santa Therezinha do Menino Jesus, Céline Martin (Lisieux). — 10) A Veronica existente na Cathedral de Lodz.

A Dansa Classica

Uma pequena bailarina que não custará muito a apparecer: Maria Amalia Consolado Malafaia, alumna do 2º anno do curso Maria Oleneva.

A ARTE E A NEUROSE DE JOÃO DO RIO

Com um prefacio do professor Dias de Barros, e uma replica a Medeiros e Albuquerque, o Dr. Neves Manta acaba de editar em segunda edição, o seu livro — "A Individualidade e a Obra Mental de João do Rio em face da Psychiatria".

Embora mais longo, o livro recebeu, desta vez, um titulo mais curto — "A Arte e a Neurose de João do Rio". Este livro é um curioso estudo visando recompor a physionomia psychica do scintillante escriptor da "Alma Maravilhosa das Ruas", atravez da sua obra literaria. Tanto vale dizer que é um trabalho de psychanalyse. Sobre o seu valor, como literatura e como estudo scientifico, já se manifestou, abundantemente, a critica indigena, que o consagrou pelo applauso dos seus mais illustres criticos e de varios professores e estudiosos desse assumpto.

CARTAS DE AMOR E VICIO

Chrysanthème é um nome que se impoz em nossas letras, como romancista e como chronista. Em um estylo encantador pela simplicidade e pelo desembaraço, essa escriptora tem apresentado interessantes novellas de enredos mundanos, com flagrantes fieis da vida carioca. Por isso, Chrysanthème tem um publico vasto e cada novo volume seu é recebido pela critica com sympathia e deferencia. Chrysanthème acaba de lançar um novo romance — "Cartas de Amor e Vicio" — cujo enredo se desenrola todo através da correspondencia de cinco ou seis personagens centraes. E' uma novella interessante que prende o leitor, amante de intrigas mundanas e amorosas desde a primeira pagina, desdobrando-se, em imprevistos, até o final. A edição é de Calvino Filho: elegante e cuidada.

O VERÃO DE ICARAHY

A Municipalidade de Nictheroy não precisa gastar dinheiro em literatura de **réclame** para attrahir **touristes** e veranistas á cidade de Ararigboia: basta espalhar por este mundo fóra photographias das suas enseadas maravilhosas, com velas fugidias, perfis ondulantes de montanhas, e flagrantes da alegria e da belleza das suas praias. Aqui estão alguns aspectos do banho de mar de Icarahy, onde as praias são uma festa perpetua e as mulheres o mais lindo enfeite da paizagem.

De **RAUL LELLIS**

No tempo de Jesus

(Illustração de CORTEZ)

FOI em Genezareth.

Uma mulher, afflicta, offegante, empurrou a turba que se agglomerava e foi parar emocionada deante do prégador. O rabbino, como se soubesse o que ella buscava, interrompeu o sermão que fazia e olhou-a longamente, demoradamente, com um olhar cheio de bondade, que fazia mais ternas ainda as suas pupillas muito azues.

— E' a mim que procuras, filha? — indagou elle.

Ella fitava-o ainda quando os seus labios murmuraram:

— Tu és Jesus de Nazareth?

— Sou aquelle a quem procuras...

E estendeu-lhe a mão, num gesto amigo, como a dar-lhe coragem e dizer-lhe que se chegasse

Então a mulher não se conteve mais. Agarrou-se áquella mão muito branca, prostrou-se de joelhos, deixou que as lagrimas lhe corressem pelas faces e implorou:

— Senhor, tu podes salval-o, podes dar a vida ao meu noivo! Elle está morrendo e já nem me conhece mais, porém tu, que déste a vida a Lazaro, que curaste o servo do centurião, que tantos prodigios tens feito, podes salval-o...

Jesus olhava-a ternamente, com infinita mansidão. Parecia que um sorriso de bondade afastava de leve a barba castanha que lhe emmoldurava o rosto. E a mulher soluçava sempre:

— Salva-o, Senhor!

O Nazareno acariciou-lhe com a mão os negros cabellos.

— Levanta-te, filha.

E, quando ella esteve de pé, olhando-o afflicta com os olhos banhados em lagrimas:

— A meu Pae, que está no céo, nada é impossivel. Tu crês e a tua fé merece ser recompensada...

Interrompeu-se um instante, para fitar novamente a infeliz, e dessa vez parecia ter no olhar um pouco de compaixão. Depois, continuou:

— Mas, se eu salvar teu noivo, vou matar-te para sempre o coração...

A mulher mal lhe deu tempo de acabar as palavras:

— Salva-o mesmo assim, Senhor!

Jesus sacudiu a cabeça, tristemente:

— Então vae, e que tudo se faça pela tua fé, mas eu tenho pena das lagrimas que ainda has de chorar...

A mulher beijou-lhe a ponta da tunica branca e perdeu-se em meio da multidão. O Nazareno sentou-se a uma pedra e continuou a falar para os que o cercavam:

— Não são todos que comprehendem esta palavra, mas sómente aquelles a quem é dado...

\+ + +

Sete luas eram passadas e o Nazareno estava ás margens do Tiberiades, prégando, quando um homem delle se approximou:

— Senhor, eu sou Thiago.

Jesus olhou-o:

— Ha muito tempo que te espero.

O homem proseguiu:

— Eu ia morrer e tu me salvaste, porque minha noiva o pediu. Desde então, ha uma semana que te acompanho, que ouço as tuas palavras e que tudo esqueço por tua causa. Eu queria ser um dos teus discipulos, Senhor.

O Nazareno poz-lhe a mão no hombro:

— O teu logar está reservado, porque eu sabia que virias. Esquece teu pae e tua mãe, esquece o mundo, toma apenas uma tunica e vem commigo, porque grande é o terreno a ser plantado, muito é o joio a ser destruido, e poucos são os servos do Senhor...

E Thiago seguiu Jesus de Nazareth.

Atraz delle palmilhou as estradas da Judéa, sem casa e sem abrigo; bebia-lhe as palavras e ia aprendendo que o homem vem ao mundo, não pelo mundo mas pela Vida Eterna...

\+ + +

Um dia, algum tempo depois, Jesus voltou á região de Genezareth, seguido pelos discipulos e pela multidão que lhe pedia que falasse. Quando a noticia da sua chegada se espalhou, uma mulher foi procural-o á margem do lago. Elle dava a impressão de alguem que estivesse soffrendo immensamente. Vestia-se de negro e tinha nos olhos os vestigios de muitos dias de pranto.

Deixando-se cahir ao solo, aos pés do rabbino, ella soluçou:

— Eu sou Maria, que uma vez te pediu a vida do seu noivo. Tu me fizeste a esmola que implorei, mas Thiago, o meu noivo restituido á vida pela tua bondade, juntou-se aos teus discipulos e não quer mais saber de mim. Apieda-te, Senhor, do meu pobre coração que soffre...

Que infinita expressão de piedade havia no rosto de Jesus, quando se curvou para a mulher pousando-lhe a mão na cabeça! E maior ainda era a piedade que havia na sua voz quando elle falou:

— Eu te disse, filha, que o teu coração soffreria muito com a vida de Thiago...

— Dá-me outra vez o meu noivo, Senhor!

O Nazareno sacudiu a cabeça, naquelle momento aureolada pelo sol.

— Eu posso arrancar um homem ás garras da morte, mas não posso afastal-o do serviço de meu pae...

E triste, muito triste, talvez para não ver o pranto da mulher, elle entrou na barca que se balouçava sobre as aguas mansas do lago.

Maria ficou ajoelhada na areia da margem, soluçando como louca, sentindo que dóe menos ver morrer um ente querido do que ter que supportar a sua indifferença.

O FRACASSO DE ZE' TROPEIRO

TODA a Seringueira estava ali féstando. Uma quermésse-zinha animada e um leilão rico de verdade. Mocinhas alégres, de fitas nos cabelos e vestidos a fantasia, faces pintadas, iam e vinham, daqui pra ali, num alvoroço feliz, atormentando a rapaziada com bilhetes de tômbola, bilhetes de baile, bilhetes de chá, telegramas elegantes, e o diabo a quatro. No coreto, pequenino como casinha de pombas, a banda de música choramingava de quando em quando, anunciando o arremate de alguma prenda. E os rojões saracoteavam no céu alto, brincando com as estrelas que piscavam, longe.

Do canto escuro em que fôra se ocultar, Zé Tropeiro, quiétamente, apreciava o corre-côrre do povaréu. Apenas o fumegar do seu fôrte cigarrão de palha, clareava-lhe, de vez em vez, o semblante moço e inteligente, sob a aba larga e protetora do chapélão infalivel. Não obstante, porém, a sua calma aparente, o sertanejo não tinha a alma em paz, e seus ôlhos inquiétos moviam-se, incessantes, correndo de um para outro lado.

Zé Tropeiro lançou, de repente, num gésto rude, o toco de cigarro ao chão e, franzindo as sobrancelhas cerradas, ensaiando uns passos, meteu as mãos crispadas nos bolsos do paletó de brim caqui. Parecia impaciente.

O toco de cigarro ficou brilhando no escuro, como u'a braza viva.

* * *

A algazarra éra cada vez maiór, no povo alégre. E a vóz fórte do leiloeiro apregoava, alto, chamando a atenção:

— Um quartinho de leitoa, pessoar! Vamo vê! Tá gostoso que é uma beleza... Quanto me dão?

— Treis me réis!

E, emquanto isso, lá da outra banda, noutra barraca, a roda da tômbola rodava e o João Bento gritava para o povo os números premiados.

Zé Tropeiro cuspiu para um lado, nervoso. Fez gésto de andar, como si quizésse avançar para a multidão. E estaqueou-se, de novo, mãos nos bolsos, naquéla mesma posição de espera ou observação. Seu olhar inquiéto alongava-se, tréva a fóra, e ia girar com os pares alégres da Barraca Branca, que bailavam os gostosos bailes de um mil réis, ao ar livre, num tablado improvisado junto a éla. E iam, ansiósos, brilhando, num brilho turvo de angustia e de desejo, seguindo teimosamente um vultinho, moreno e quasi imponderavel, de mulher, que, nos braços de um rapaz espigado e elegante, sorria com alegria.

* * *

Nunca Zé Tropeiro sentira um deslumbramento e uma paixão assim. Nem mesmo a Chandóca, do Cél. Porfirio, aquéla admiravel trigueira de ôlhos pretos, muito pretos, cabelos fartos e cheirósos, seios agressivos, corpo rescendente como fruta madura, nem mesmo éla, que o amava e que éra o encanto de toda a rapaziada' da redondeza, conseguira escravisá-lo dêssa maneira. Aquéla professorinha, porém, aquéla professorinha travessa, pequenina como um sonho, levada como u'a colegial, aquéla professorinha o havia maguado mesmo no fundo da alma ingenua e simples de caboclo. Desde que a vira, Zé Tropeiro encantara-se.

E, agora, naquéla noite gostosa, de féstança largada, emquanto os seus amigos e colégas de outros tempo divertiam-se á vontade, êle deixava-se ficar ali, naquele ermo, só com os seus pensamentos rebéldes e o seu amor daninho, seguindo, de longe, os movimentos da mulherzinha que lhe roubara o coração...

* * *

Subito, os seus ôlhos buliçósos fulgiram na tréva. Um pensamento feliz correra-lhe pelo cérebro. E êle tomou, decididamente, uma resolução heróica: — iria se atirar alégremente á festa, deixar as maguas de lado, falar com a travessa professorinha...

E Zé Tropeiro avançou o seu corpo musculoso, de sertanejo experimentado nas longas caminhadas do sertão, por entre o povo barulhento. Alto e simpático, expansivo, um sorriso bom no rosto aparentemente satisfeito, êle ia dissimulando a sua tristeza íntima ante os amigos e conhecidos, brincando aqui com um, ali com outro, sempre a avançar.

* * *

Parara a contradansa e as moças corriam o povo, passando bilhetes.

A idéa do sertanejo não era outra sinão encontrar a professorinha, comprar um ingrésso, e bailar com éla, na frente daquele elegante rapaz espigado que trouxéra da Capital, para a simplicidade feliz da Seringueira, as suas pomadas e os seus luxos corriqueiros. Não éra outra a sua idéa.

Por isso, grande, imensa mesmo, foi a sua satisfação, quando surgiu-lhe á frente, por um acaso, a figurinha de bonéca da travessa professorinha, oferecendo-lhe, num sorrisozinho de matar:

— O sr., "seu" José! Quér um ingrésso, não é?

Empalideceu. Sentiu que uma emoção inexplicavel tremia-lhe a vóz clara. E, com dificuldade, balbuciou:

— Sim. Um.

— Um, não é? Prontinho, "seu" José!

Pegou, embaraçado, o cartãozinho branco. Escorregou, para as mãozinhas suaves da travessa moreninha, uma moéda doirada, de um mil réis. E, meio tremulo, arriscou:

— Mais, pra dansar co'a senhora...

— Comigo? Impossivel, "seu" José! Sinto bastante, mas já estou comprometida... Vendi ao "seu" Jurandir todos os meus primeiros ingréssos, com a proméssa de dansar com êle todas as contradansas. Mas, não impórta — aqui está a Luizinha, que dansa tão bem! Danse com éla..E me desculpe, sim, "seu" José? Muito obrigada...

E escapou-se, sorrindo sempre, para o meio do povo.

Zé Tropeiro, despeitado, volveu os ôlhos para o tablado. Lá estava, muito feliz, muito elegante, muito empomadado, o tal "seu" Jurandir, á espera da sua dama...

A banda de música encobriu a algazarra da fésta com o romper de uma valsa gostosa. Zé Tropeiro puxou Luizinha pela mão e, alto, um sorriso bom no rosto satisfeito, entrou no tablado.

Era preciso dansar.

* * *

Quando a música parou, êle agradeceu á Luizinha, féstivamente, a contradansa. E volveu, logo, um olhar curioso para os lados. Num canto do tablado, a rir deliciosamente, estava, ôlhos fitos no rosto magro e fino do tal "seu" Jurandir, a sua travessa e má professorinha...

Zé Tropeiro saíu, arrependido, por entre o povo. Ia andando a esmo, vagamente, abstrato, sem saber para onde... Crescia-lhe no íntimo, inexplicavelmente, uma angústia inexplicavel. Coisa esquisita, Deus!

Uma bombinha estourou, rente a si. E um bando de meninos esparramou-se, pulando, numa algazarra irónica.

Zé Tropeiro continuou andando...

Em frente ao leilão, parou. O Sebastião Camargo, o leiloeiro, com uma imagem de Cristo na mão, gritava para o povo:

— Quanto me dão? Quanto mais? Quanto?

E o padre, um padréco italiano, de nariz aquilino e olhares cubiçósos, sorria, ao lado, para o Sebastião, um sorriso beatífico, de aquiescencia e contentamento.

Zé Tropeiro continuou andando...

Lá adiante ouviu, de novo, a música abalando a pasmaceira da fésta. Olhou para traz, instintivamente. O baile-branco recomeçara, no tablado impossivel, quasi irreal. E o Sebastião Camargo ria, despropositadamente, ante o padréco idióta, um riso absurdo.

Já haviam arrematado Cristo...

J. HERCULANO PIRES

Prato de lentilhas

O amôr está para o casamento assim como a flôr do cajueiro para a castanha do cajú...

—oo—

O amôr é um sonho corôado de rosas. O casamento é um porco assado, coberto de rodelas de limão...

—oo—

As desillusões são os drasticos do espirito...

—oo—

A immortalidade é uma hypothese de que nem as estatuas tomam conhecimento...

—oo—

Quando um homem está triste — ou tem, na sua vida, alguma mulher a mais, ou algum dinheiro a menos...

—oo—

O tumulo é a mais simples e a mais pavorosa das realidades...

—oo—

As mãis de familia encaram os celibatarios da mesma maneira por que os commerciantes legaes encaram os contrabandistas: como concurrentes funestos á prosperidade dos negocios...

—oo—

Uma lagrima unica é uma condensação de soffrimento. Uma chuva de lagrimas é uma simples enscenação theatral...

—oo—

O pranto tem, pelo menos, um defeito: interessa o nariz nas crises do sentimento...

—oo—

Um marido infeliz que morre — gosa, a um tempo, a sua primeira alegria e a sua ultima vingança...

—oo—

A bondade é uma fórma sentimental de ser fraco...

—oo—

Entre o coice e o beijo, a differença é, toda, de pontos de vista...

—oo—

As mulheres gôrdas têm que luctar contra duas leis physicas implacaveis: a da gravidade e a da impenetrabilidade da materia...

—oo—

A lei da inercia é uma manifestação da preguiça cosmica...

—oo—

O homem feliz é aquelle que só encontra, na sua mulher, uma cousa postiça: a dentadura...

—oo—

A noiva é uma ave canora. A esposa é uma galinha choca...

—oo—

Um cabo de vassoura impressiona mais depressa do que um pensamento. Dahí a utilidade desses instrumentos entre certos casaes desavindos...

—oo—

A paixão é a loucura dos instinctos...

—oo—

O tedio está para o amôr assim como o cupim para a madeira...

—oo—

O beijo!... Não ha maior prova de que a palavra é uma inutilidade sonora...

—oo—

A ponta dos punhaes e o coração dos homens têm um mesmo inimigo silencioso, que os desgasta: o tempo...

—oo—

E' facil vencer uma mulher: convencel-a, nunca!...

—oo—

Pretender que duas almas se comprehendam é a mais lyrica das imbecilidades: uma alma é, sempre, diante de outra alma, como um muro de pedra diante de um cego de nascença...

—oo—

O grito é uma palavra que enlouqueceu...

—oo—

A cauda dos pavões e o vestido das mulheres "chics" possuem a mesma finalidade essencial: chamam a attenção dos tôlos...

—oo—

O cynico é um hypocrita virado pelo avêsso...

—oo—

Todas as tentativas para ser feliz não servem senão para complicar a arte, simplissima, de ser desgraçado...

—oo—

Se o sol não estivesse tão longe, os fabricantes de lampadas electricas mandariam apagal-o para augmentar a venda dos seus productos...

—oo—

Que excellente negocio para um commerciante, o vender raios de sol a tostão!...

—oo—

A dôr de cabeça é a unica manifestação intellectual, em certas pessoas...

—oo—

Se a idéa adiantasse alguma cousa, Aristoteles e Pascal teriam dominado o mundo...

—oo—

A caricia e o café só devem ser servidos emquanto estão quentes...

—oo—

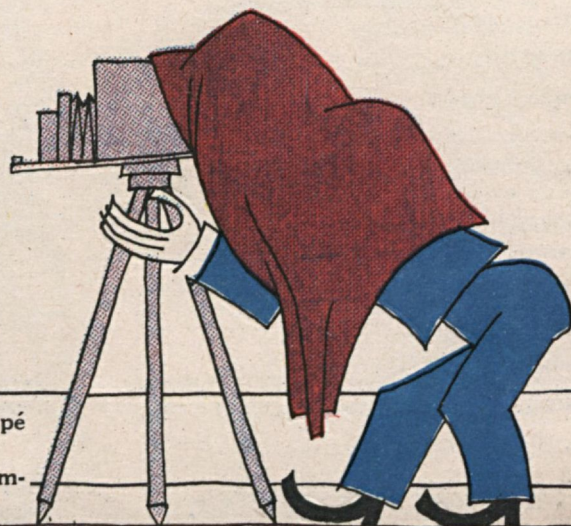
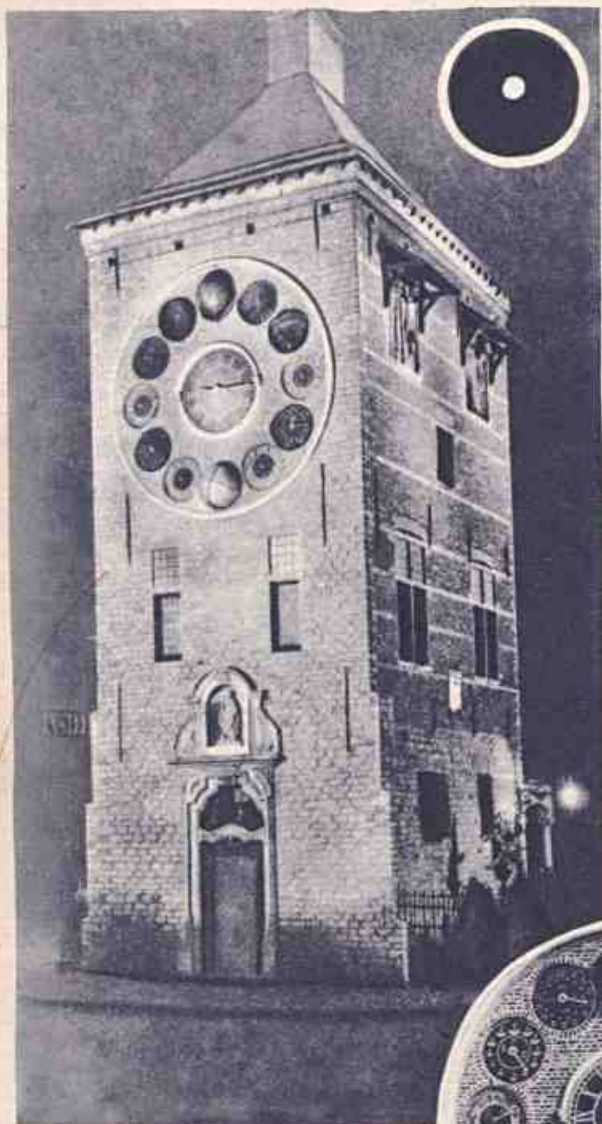
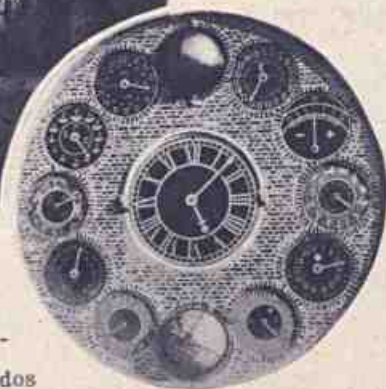
O homem nasce chorando e morre chorando. O tempo que sobra para rir — é muito curto...

—oo—

O abraço... Um sentimento que se traduz á maneira tentacular das giboias...

BONECOS DE THÉO — POR BERILO NEVES

Farpas
O MELHOR COSMETICO
— Que usa você para ter cabellos tão lisos?!
— Uso paes brancos...
OXIGENÉE
— Essa lourinha é boa até á raiz dos cabellos!...
— Na raiz dos cabellos ella não é nada lourinha...
LINGUAS DE PRATA
— Esse é o marido da Leontina?
— Não. Esse é o "outro"...
O NAMORADO DA MANINHA
— O pessoal aqui em casa acha o senhor ministro muito parecido com Clark Gable...
— O artista de cinema...
— Não. O Clark Gable que nós conhecemos é o macaco do vizinho...
PALMO E MEIO
— O meu marido ficará melhor em pé ou sentado?!
— Seu marido ficará melhor em ampliação...
Théo 1934

O RELOGIO DA TORRE ZIMMER

A torre de Zimmer

O famoso relogio da torre de Zimmer.

Os Flamengos ufanam-se de possuir um dos mais interessantes relogios do mundo. E' o que se admira na torre de Zimmer, que é o orgulho da cidadezinha de Lierre. Foi construido por um dos habitantes do logar, Louis Zimmer, relojoeiro da Côrte belga. O pachorrento artifice gastou, ao que suppõe Christian de Caters, uns seis annos em sua confecção, e offereceu-o á cidade de seu nascimento, por occasião dos festejos commemorativos da Independencia belga, em 1930. A magnifica obra-prima foi installada na torre Saint-Corneille, em Lierre, reconstruida expressamente para servir de moldura ao precioso donativo. O quadrante central do enorme relogio é regulado pelo de Greenwich. O quadrante solar indica a **hora verdadeira**, que não é a mesma de Greenwich. A differença entre essas horas, segundo de Casters, é a **equação do tempo** que se vê marcada no segundo quadrante. O avanço maximo é de 17 minutos (+) e o atrazo minimo de 16 minutos (—). O ponteiro assignala a equação do tempo no dia determinado. Tambem vêem-se as constellações do Zodiaco, correspondentes ás 12 constellações que o Sol parece percorrer annualmente. A seguir temos o quadrante do cyclo solar e da letra dominical. Ao cabo do cyclo solar de 28 annos, os mesmos dias da semana tornam ás mesmas datas do mez. No interior do quadrante distinguem-se os numeros de 2 a 28. O circulo exterior compõe-se das letras dominicaes. Se o primeiro domingo do anno cahe a 1º de Janeiro, a letra é A; se cahe no 2º dia, a letra é B. Assim por deante. No caso dos annos serem bissextos, contar-se-á o anno por duas letras dominicaes: C e B. Deste modo se procedeu em 1933 cujo primeiro domingo cahiu a 3 de Janeiro. No quadrante da semana cada dia é representado pelos attributos do deus que o rege: a segunda-feira pela lua de Diana, a terça-feira pela lança de Marte. Em baixo, encontramos um globo terrestre indicando as differenças de hora existentes entre as regiões do nosso planeta. Os mezes apparecem em seu quadrante com os symbolos que os distinguem na Europa: o gelo de Janeiro, os patos de Fevereiro, os peixes de Março, o arlequim de Abril, as flores de Maio, etc. O quadrante das marés é representado por 12 barcos de tamanho vario. No momento das cheias, o ponteiro marca o maior dos barcos: no das vasantes, o menor. O 10º quadrante indica o tempo da Lua cuja revolução em torno da Terra faz-se em 29 dias e meio. Em logar do 11º quadrante, no alto, ha um globo dividido em duas partes: uma dourada e outra azul-noite, estrellado de ouro. Elle gyra de modo a apresentar-se ao espectador como a Lua, caso a vissemos no mesmo instante. Emfim, o quadrante 12º dá-nos as indicações relativas ao numero aureo do cyclo de Meton. Este cyclo, descoberto em 432 antes da nossa E'ra por um astronomo grego, corresponde a um periodo de 19 annos, ao fim dos quaes as luas novas reproduzem-se nas mesmas datas. Quanto á epacta, é a edade da Lua, em dias, no 1º de Janeiro. A combinação dos dois cyclos, lunar e solar, serve para fixar a data da Paschoa que, a partir do Concilio de Nicea, (325), deve cahir no domingo posterior ao plenilunio equinocial, de 22 de Março ao 25 de Abril. Quando se photographou o relogio, o signo do Zodiaco era Virgo, a letra dominical E e o anno era o 7º do cyclo solar. Os quartos, as meias luas e as horas são dadas por pequenas personagens que symbolizam as quatro edades da Vida. A menina sôa o primeiro quarto; o estudante, a meia hora; o ferreiro, o 3º quarto, e o ancião bate quatro vezes a cada hora.

A torre contém ainda um completo gabinete astronomico.

Os quatro automatos que soam os quartos de hora.

A séde do "Crédit Municipal", de Bayonne

O CASO CLINICO

STAVISKI, que foi o homem dêste principio de ano escandaloso e conseguiu interessar a opinião pública, entusiasmá-la mesmo, como só os grandes aventureiros o conseguem — Staviski bateu ás portas da medicina, com o seu caso e da psiquiatria, com os seus sintomas. E é Pierre Vachet, professor da Escola de Psicologia e especialista universalmente conhecido, quem nos vem dizer alguma cousa sôbre a figura insinuante do grande realizador.

Pierra Vachet foi médico de Staviski. Conheceu, portanto, o doente, isto é conheceu Staviski intimamente. O médico é sempre o amigo intimo indesejavel... Vejamos, agora, as pequenas grandes indiscreções do professor Pierre Vachet. Até nisso, na necessidade em que se viu um sábio de ser indiscreto, se prova que Staviski entrou na história. Principia Vachet aludindo a certos rumores, veiculados pela imprensa, segundo os quais, em circunstancias várias, Staviski teria fugido á ação da justiça complacentemente defendido pela forte razão de onipotentes certificados médicos.

O doutor Pierre Vachet, professor da Escola de Psychologia e medico de Staviski,

Dando a entender que taes rumores não podem ser qualificados, em boa justiça, de mentirosos, Vachet declara, por outras palavras, que tais certificados teriam tido, afinal, sua razão de ser. Resumindo: tratava-se de uma criatura atingida de "perturbações mentais graves", verificadas, várias vezes, por psiquiatras ilustres.

E Vachet cita, em primeiro logar, um certo Dr. Paul que, em 1928, verificou essas perturbações. Duas palavras, que têm seu valor clinico: "anomalias graves no estado *fisico* e *moral* de Staviski."

Segue-se um grande nome, um dos luminares da Faculdade de Medicina de Paris e da psiquiatria universal: o professor Henri Claude: "perturbações psiquicas". Prescrições: isolamento e repouso. Prognósticos: talvez, um dia, "consequências perigosas".

Logo depois o Dr. Auguste Marie que, com o próprio Vachet, terá sido dos primeiros a quem Staviski aludiu a um plano financeiro que salvaria o mundo. Acessos ou antes manifestações pacificas de megalomania. Dizia-se, então, o maior genio financeiro da terra, renovador, em breve, de toda a economia. Uma observação de Vachet: denunciado, reconhecido, diagnosticado êsse estado psiquicó — de quem a maior responsabilidade? De Staviski, talvez a braços com uma paralisia, ou de quantos, dêle se aproveitando, abriram caminho ao grande aventureiro, associando-se á grande burla? A resposta é simples e está na própria interrogação. De resto a opinião pública continúa a apontar, um por um, os membros da gigantesca sociedade anonima de Bayonne.

Esclarece, Vachet o que seja uma psicose e como escreve sobretudo para leigos, logo insinua que, ao contrário da idéa vulgar, ha gráos na sua evolução. Geralmente, para o chamado *grande público*, loucura é delirio e não haverá loucos silenciosos e inteligentes. Ora, a propósito de Staviski, será o caso de esclarecer que a personalidade *normal* é uma raridade, uma exceção. Será, mesmo, o caso de exclamar que há uma loucura lúcida.

Não esquece Vachet o caso tão curioso, tão impressionante de Wilson, tentando salvar generosamente o mundo no momento em que já não seria possivel salvar-se a si próprio. E, já que entrou a exemplificar com chefes de Estado nossos contemporaneos, êsse outro Presidente, cujo nome não cita mas nós escreveremos — Deschanel — um requintado, um intelectual, um elegante de espirito e de gestos que depois de haver celebrado solenemente, na provincia, um acontecimento qualquer, desce do trem

Mme. Staviski, photographada em um concurso de elegancia automobilistica, em Cannes.

em trajes quasi menores, isto é de pijama, dando a entender que saira do Elyseu — mas entrava na Salpêtrière...

Remontando um pouco lá encontramos — sempre Vachet — o caso de Schumann, o maravilhoso e mais que maravilhoso Schumann, morrendo aos 46 anos, o cérebro arruinado, tão arruinado quanto o fisico decadente.

Terminando, alude Vachet ao "delirio das grandesas" que teria sido, afinal, o aspéto marcante da personalidade em dissolução de Staviski. Nada lhe parecia impossivel e seus grandiosos planos não apresentavam obstáculos invenciveis.

Nesses momentos era bem um *charmeur*, uma inteligência em vibração, um realizador cuja palavra coloria o futuro dos que a ouviam como uma linda página de romance de aventuras ou uma profunda esperança de cumplicidade...

❖ ❖ ❖

de STAVISKI

Em contraste com êsse homem que Vachet nos descreve, em traços cientificamente exatos, outro nos surge das palavras de George Champeaux ou antes das palavras de alguem que, intimo de Staviski, desenhou a corpo inteiro outro retrato da mesma criatura. Digamos, desde já, que não há contradições: há, apenas, contraste. O homem de Vachet é o homem que aparece aos seus médicos. O de Champeaux, o que se mostra aos seus amigos.

Um antigo serviçal de Staviski, que, logo de inicio, o define coerentemente: "coração de ouro". Generoso, magnanimo.

Intrigas que se desfazem — e aqui uma familia brasileira, Sousa Costa, que adquiriu, em Cambo, a pitoresca e célebre residência de Edmond Rostand.

Vida equilibrada — insiste o entrevistado. Por que não? A's sete da manhã Staviski deixava o leito — e entregava-se aos seus longos trabalhos, á sua agitada existencia de *business-man*.

Dormia pouco. Toilette, ginástica — o telefone. A's nove horas principiava a receber — a conversar. Mais do que nunca saber negociar é saber conversar. Nomes célebres marcam os seus *rendez-vous*: o Café de la Paix... chez Larue... chez Carton... Toda a topografia elegante ou importante de Paris.

Politicos, parlamentares, isso sim — lê-se nas entrelinhas. E teatro. Interessava-se por assuntos de teatro, conhecia-os na intimidade. Aos domingos, um pouco de cinema. Vida de sociedade? Não — fugia dela, não tinha tempo a perder.

Naturalmente elegante, o porte distinto, as maneiras corretas, aspéto reflexivo, medindo as palavras. Quanto ás fotografias que correm mundo e nô-lo apresentam em praias de banhos e centros de prazer — são instantes, apenas, da sua vida agitada. Ia, regressava. Algumas horas.

E Madame Staviski? Uma "mulher impecavel". Mulher "de interior", mãe primorosa, *ménagère* poupada. Quem o diria?...

Voltando a Staviski: muitas amantes, naturalmente? Nada disso. As mulheres que procurava eram mulheres de negócios — de negócios no genero dos de Staviski...

Afinal — observa Champeaux — por onde fugia tanto dinheiro, dentro de tanta sobriedade? Ah! sim, os parlamentares... levavam tudo... Dos seus oitocentos milhões, mais de quinhentos desapareceram em subsidios... Criaturas prestativas — mas absorventes...

Retrato de Staviski, tirado na policia, quando da sua primeira detenção.

Staviski, beijando o filho recem-nascido.

Foi assim que a policia encontrou Staviski, na casa de Chamonix, onde se refugiara o grande aventureiro.

Um novo angulo da personalidade cinematographica de BARBARA STANWYCK

DE

Barbara Stanwick tal e qual ela é. ———

Duas das melhores cenas do filme da Columbia.

Nils Asther e Barbara Stanwick em "O ultimo chá do General Yen"

LANÇADA de improviso ao pequeno grande mundo da téla americana, sem o amparo da reclame espalhafatosa e convencional, devido tão sómente a um capricho subtil das circumstancias ambientes, essa garota de rythmo proprio que é Barbara Stanwick soube logo marcar para si mesma um logar bonito no "stardom".

Não admira: a somma dos seus valôres filmogenicos — que vão desde a gracilidade da figura até ao jogo magnifico das expressões, com escala pelos recursos de uma belleza absolutamente moderna — representa um motivo humano bem digno da vanguarda do cine.

Ademais, a primeira interpretação á altura do seu merito — lembram-se? — bastou como prova dos nove para a certeza da admiração geral. E toda gente se convenceu que as actuaes "esphinges sem segredos", de Hollywood, importadas junto com um subconsciente tradicionalista e cheio de recalques europeus, tinham afinal encontrado uma inimiga involuntaria, amavel e differente...

Sim, porque a principal caracteristica dessa artista está, precisamente, na ausencia de artificios, na espontaneidade de seu temperamento de comediante, que reflecte, de modo nitido e definido, a alma do povo estadunidense, ainda liberta de preconceitos seculares, verdadeira, clara, naturalissima...

Imposta, assim, a feliz rival do "marlenismo", o resto veiu por si, em uma gostosa sequencia de victorias.

Agora, porém, graças á tenacidade admiravelmente emprehendedora da Columbia, que nos promette uma temporada de sensações inéditas, vamos têr um novo angulo da personalidade cinematographica de Barbara Stanwyck. Isto é: mais uma face de sua intelligencia interpretativa, através de um *rôle* de extraordinarias proporções scenicas, sob as ordens do genial Franck Capra.

Intitula-se esse trabalho "O ultimo chá do do General Yen".

A sua acção decorre á margem de um vibrante episodio da ultima guerra sino-japoneza — a conquista de Chappei.

E o *leading-man* é Nils Asther, que se revela dia a dia mais actor para esses papeis, onde o exotismo pessoal compactúa com a projecção de grandiosos sentimentos.

Com taes elementos, torna-se facil prevêr a plasticidade, o movimento, a vida que esse director conseguiu imprimir ao filme.

Realmente: "O ultimo chá do General Yen", em exhibição no Imperio vale por um celuloide espectacular.

A UFA E SUAS MARAVILHAS

CINEMA

Por MARIO NUNES

A temporada da Ufa só se inicia em Abril.

Ela tambem nos promete algo de maravilhoso, aqueles primores de técnica que nos fazem com que muitos dos nomes que figuram na direção de filmes americanos sejam alemães...

Este será o ano de Gustav Ucicky o realisador de *Heroes do Mar*, *Ronny* e *Noite de Nupcias* e que como diretor ascende agora ao mais alto nivel. E será o ano tambem de *Renate Müller*, que vimos em *Quando o amor faz a moda* e em *Como direi a meu marido?* e outros filmes sensacionaes.

A "Ufa" está realisando magnificamente o programa que se traçou: produzir obras-primas.

ATIVIDADES FOX

As ultimas noticias acerca de Raul Roulien confirmam as previsões feitas a respeito de sua carreira. O artista patricio continúa em franca ascenção e multiplica-se, liderando agora toda a produção em hespanhol tornando se por seus conhecimentos da America Latina precioso á Fox isso sem prejuizo do actor que assume cada vez, maiores responsabilidades. Uma das faces mais apreciadas do seu talento é seu estro de compositor. Na fotografia vemol-o compondo musica para os versos de Wolge Gilbert no Film "Lady of the Amazonas".

—oOo—

Rosita Moreno que foi por horas a nossa encantadora hospede, de passagem para Buenos Aires, onde ainda se encontra continúa a pertencer ás hostes da Fox. Essa é uma das suas ultimas poses. Como é bonita Rosita Moreno!

A Fox Movietone City é uma cidade de mil aspectos, ou melhor um mundo em miniatura. Esse "porto chinez" por exemplo não tem qualquer cousa de nossa Favela, A' direita ou á esquerda, ou atraz, ha palacios romanos, o deserto de Sahara ou o Polo Norte o que ha de mais verdadeiro e autentico...

TRINIDAD, TERRA

(De ADOLFO AIZEN, enviado do Touring Club do Brasil aos Estados Unidos, especial para "O MALHO).

TRINIDAD, ao noroeste do Pará, pertence á Grã-Bretanha e foi a primeira terra que os excursionistas do "American Legion" pisaram após o embarque, a 17 de Agosto, no Cáes do Porto da Praça Mauá, com destino aos Estados Unidos.

Decorridos dez dias de alto mar, pisar Trinidad ou pisar Nova York, Hong-Kong ou Berlim, era o mesmo para aquelles cento e vinte e cinco turistas brasileiros cansados de seus proprios panoramas, e que, por isso mesmo, procuravam novos, mais dynamicos, mais progressistas.

Trinidad, á primeira vista, faz-nos recordar o *film* maximo de King Vidor, "Alleluia!". Pretos, pretas e pretinhos, de chapéos de palha, enormes, de côr, na cabeça, pelas ruas, pelos botequins, pelos carros, pelos armazens, a falarem um inglez arrastado, muitos de *over-alls*, alguns de fatiota.

Terra do asphalto, porque é ahi que existe a maior e a melhor mina desse calçamento, no mundo, Trinidad tambem conta com petroleo em seu rico sub-solo e plantações de côco, cacau, frutas as mais variadas.

Distante do porto de desembarque talvez uns cento e oitenta kilometros, poucos foram os excursionistas que se aventuraram a uma visita ao Lago do Asphalto. Todavia, ahi estiveram, entre outros, os engenheiros Armando Godoy, Cesario Alvim Filho, Francisco Lessa; doutores Afranio Peixoto, Augusto Linhares, Nelson Pereira; professor Venancio Filho; o advogado Carlos Moraes Pereira; os Srs. Luiz Haas e Carlos Gonçalves e o enviado jornalistico do Touring Club na caravana cultural.

Solicitado, no dia seguinte, por alguns companheiros, para falar sobre o que viu em Trinidad, o Dr. Afranio Peixoto, com aquella gentileza que é tão sua, accedeu ao convite e palestrou, durante alguns minutos, no Salão de Musica do "American Legion". em meio do maior interesse dos excursionistas.

Coqueiraes das margens do Lago de Asphalto, na Ilha de Trinidad.

Uma praia de Port of Spain, na Ilha de Sir Walter Raleigh. Notem-se os coqueiraes batidos pelos ventos e a figura do compatriota de Gandhi transplantado para o Novo Mundo.

Uma choupana, das communs na Ilha de Trinidad, com uma familia hindú em "pose" para a "kodak" de um jornalista brasileiro.

A figura curiosa de um dos policiaes da Ilha de Trinidad.

Começou dizendo que no programma esse dia era destinado a falar mal dessa primeira excursão, como é regra, no turismo... Pois bem, desde vespera, tornando a bordo, havia arrependidos. Quizera, desde logo, prevenir a seus companheiros contra este achaque das viagens, de que soffrem os viajantes — a decepção, a incontentabilidade... O viajante é difficil e exigente. Traz a saudade, que é má companhia, para achar o prazer. Nem sempre sabe ver, e a fantasia, se é que tem, não pode ser correspondida. Existe uma arte de viajar...

Trinidad foi descoberta por Colombo na sua terceira viagem. Conta que palestrou com os nativos e a um, ou uma, deu um chapeu e um casaco. Talvez desses vestidos venham as elegancias da ilha. Certamente aquelle gracioso artefacto com que todas as mulheres de côr se cobrem e nos causa tão hilariante effeito. Redescobriu-a um pouco mais tarde Sir Walter Raleigh, a quem se deve ter conhecido logo o lago de asphalto. Nós, agora, que achamos os chapéos ridiculos, e a decepção do lago...

Entretanto, será para admiração. Para ver esse lago atravessamos parte da ilha, de Port of Spain a Brighton, dezenas de kilometros, em estrada que fará inveja á Rio-Petropolis ou Santos-S. Paulo: a 60 kilometros á hora nenhuma trepidação, como se percorressemos uma avenida... Avenida cheia de gente, gentes curiosas. negros, hindús, mestiços, ás vezes brancos... Casas uniformes, leves, á prova de terremoto, mas, ainda que humildes, floridas nos alpendres e jardins. Escolas e templos por todos os agrupamentos do caminho: aqui, pelo menos, ha fé e se aprende a ler. De um lado e de outro, interminavelmente, plantações felizes de canna, de coqueiros, de cacau... a riqueza de Trinidad, e usinas cheias de tratores e casas de fazenda prosperas e afamadas. O cacau de Trinidad compete com o de Venezuela e do Equador... Tive inveja, eu, da Bahia, de vel-o, todo crioulo, vermelhos ou violetas as cabaças, protegidos pela eritrina ou molungú, *la madre del cacau*, uma planta providencial que dá sombra e aduba. Além das usinas de assucar as de refinação de oleo, do qual vimos em S. Fernando dezenas de poços e depositos: tão prospera esta industria, que nós, navio americano, não é nos Estados Unidos, mas aqui, que tomamos combustivel.

Uma lição de agricultura, de industria, de economia, esta estrada. No fim, o prodigio: o lago de asphalto... Não é bem lago nem asphalto. Não será lago, porque não é liquido cercado de terra e, só fundido, retirada agua e impurezas, será asphalto... E' uma pequena superficie, talvez quinhentos metros em quadro, cinzenta, chata, rugosa, como uma pelle de elephante, ou a pelle de Rockefeller. Dahi já se tiraram 5 milhões de toneladas de asphalto para o mundo e não lhe fez mossa. O buraco excavado em uma semana, está preenchido... O lago cresce ou repara as

feridas que lhe fizeram. Em 40 annos de exploração, asphalto para o mundo inteiro e o desnivelamento, da cota primitiva, é apenas que vinte pés em altura. A terra repara, insiste, a ferida que os homens lhe fazem. Não é surprehendente conhecer essa intimidade de nosso planeta?

Que é isto? Ha uma lenda, explicação poetica. Havia neste logar uma aldeia de Indios "Chaimas" que venceram, em cambate, a indios vizinhos. Mas, crueis, não se contentaram em matar os corpos: sabendo que os beija-flores eram as almas dos que morrem, mataram-nos tambem, comendo-os e se adornando com a plumagem delles... Não pactua com essa crueldade o "Grande Espirito": pegou de toda a aldeia, enterrou-a ahi mesmo e por cima lhe poz fecho de asphalto... Esses corpos e almas prisioneiros querem sahir... E' o que vemos, gazes e bitume.

Mas ha tambem a sciencia. Sabemos que ha camadas profundas de oleo, que, perfurado o poço, pode até jorrar na superficie. Ha destes poços de petroleo em S. Fernando. Refinado o oleo, dá varios productos, até a gazolina. Da mesma natureza será o carvão fossil, solido, ou o asphalto, hydro-carbureto pastoso. E' este que aflora no lago de asphalto. Lá bem no fundo será cada vez menos denso, pelo calor e pelos hydro-carburetos volateis; mas, chegando á superficie, pela exhalação de gazes, perde uns e resfriada a massa, endurece no que vemos. A picareta tira pedaços, blocos, que partidos em miudos, levados á caldeira, perdem 30 % de agua, depositam alguns materias estranhas, e por uma calha corre fundido a se metter nas barricas. Uma destas cheia, e humedicida para solidificar o conteudo, mais outra, dezenas, centenas, milheiros, vimos lá, e leva a New York, como carga, este navio.

Um dia no pez fundido — ou "piche", a palavra é original de Trinidad — acharam-se ossos de animaes anti-diluvianos, mamuth e mastodonte, de 4 a 5 mil annos... Naturalmente, taes pesadissimos monstros afundaram-se no lago, então não endurecido, afogados em asphalto. Em 1828 occorreu um caso mysterioso: no meio do lago apontou um grosso tronco de arvore carbonizado, subiu lentamente até 10 pés de altura; a principio recto, inclinou-se depois num angulo de 30°; depois ainda foi baixando, sumindo e desappareceu... Ressurreição e descenção duraram um mez... Que significa isso? Essa arvore de 5 mil annos tombou no lago, onde permanece, e como este é intimamente movediço, apontou um dia, subiu, inclinou-se e desappareceu, como veiu, trazido e levado pelo movimento interno da massa.

Este lago do asphalto é como uma ferida no corpo da terra que nos permitte quasi ver-lhe o segredo da intimidade. Se uma mão de Deus, immensa e incombustivel, pudesse por ahi penetrar, sondaria o coração da terra. Nossa imaginação pode fazer de conta...

Mesmo na sua realidade, terra a terra, esse asphalto que Trinidad dá ao mundo, é tocante. Vão essas barricas pelo mundo a proteger o solo de todos os paizes longinquos, a facilitar o transporte e o passo de todos os povos da terra. Em Berlim ou Londres, na Avenida Michigan que vamos pisar em Chicago, ou na rua de S. Clemente ou de Paysandú que nos dão tantas saudades, o asphalto de Trinidad reveste, protege, facilita a marcha dos homens, que se communicam entre si, e a communicação da humanidade é a civilização.

O consagrado escriptor brasileiro Dr. Afranio Peixoto, ao lado do engenheiro Graça Couto, a bordo do "American Legion" nas immediações da Ilha de Trinidad.

A casa das Férias na Ilha de Gasparee, Trinidad, onde os habitantes inglezes passam o verão...

Uma série de casas muito communs na Ilha de Trinidad.

A residencia do Senhor Governador das Ilhas de Trinidad e Tobago, subdito de S. M. Rei Jorge V da Grã-Bretanha e Colonias.

DO ASFALTO E DA LEGENDA

Uma Visita á Ilha de Sir Walter Raleigh — Onde Se Recorda "Alleluia!" de King Vidor — Arte de Viajar... — Afranio Peixoto, Escriptor Consagrado e Mestre Querido, Fala no "American Legion" — A Lenda Dos Beija-Flores Martyrisados e a Ressureição da Arvore de 5000 Annos — Lago de Asphalto, Cemiterio de Mammouths e Dynosauros — Uma Lição de Amor, Optimismo e Amizade.

Esse asphalto humilde de Trinidad tem uma grande significação: é a solidariedade com o mundo... conforto e facilidade de communicação das gentes do mundo. Estou certo, meus amigos e companheiros, que não podereis mais andar em Nova York ou no Rio de Janeiro sem vos lembrardes de Trinidad, a ilha dos "Iêre" ou beija-flores, que dá asphalto ao mundo e cacau, assucar e oleo combustivel, lição de trabalho, de riqueza, de solidariedade. Esta arte de viajar, e de ver com bons olhos, é o que recommendo, desde o começo da viagem, para que, na riqueza do espirito, compensemos a magua da saudade.

Quando o mestre de "Maria Bonita" terminou estas palavras, o Mar das Antilhas, onde então navegavamos, assistiu a algo de inenarravel: uma salva de palmas que durou cinco minutos, reboante, ensurdecedora, unica. Era o agradecimento do "American Legion", com os brasileiros, uruguayos, argentinos e americanos, a Afranio Peixoto, pela sua grande lição — lição de amor, de optimismo e de amizade!

UMA CIDADE RISONHA DO INTERIOR PAULISTA

FACHADA DA CAMARA MUNICIPAL DE BATATAES

UM RECANTO DA PRAÇA JOÃO DE ANDRADE

AQUELLAS Cidades mortas, de que fala Monteiro Lobato, não estão encravadas no interior de S. Paulo. Mesmo depois da desvalorisação do café e de todos os maus bocados dos ultimos tempos, o interior paulista ainda tem a vitalidade e o encanto das regiões assistidas pelo progresso e pela certeza de um futuro cada vez mais prospero. Batataes é uma dessas cidades que confortam o espirito, pelo seu aspecto risonho, pelo ar de saúde que ella parece respirar nas ruas limpas e nos jardins cuidados. Aqui estão, nesta pagina, alguns aspectos da bonita cidade do interior paulista.

A EGREJA DE BATATAES EM CONSTRUCÇÃO

BATATAES: PARTE DO JARDIM DA PRAÇA CONEGO ALVES

VISTA DO PALACETE DO CONEGO ALVES

O Enamorado da Vida

Eu sou um enamorado da vida!
Para sentir melhor o céo na minha casa,
Plantei a minha casa entre o mar e a montanha.
Se as ondas vêm rugir a meus pés, a horas mortas.
A lua desce a mim numa caricia estranha.

Bebo as estrelas de mais perto... Abraço
Todo o corpo do céo num simples movimento.
E quando chove, sinto a torrente das chuvas
Trazendo da montanha, em seu penacho de aguas,
Frondes, ninhos, calhâos e pássaros ao vento...

Eu sou um enamorado da vida!
Amo-a por tudo quanto ela me poude dar!
A agua fresca da fonte, a caricia da sombra,
E até a calma silenciosa e mansa
Desse crepusculo que baixa de vagar...

Em cada mão de fôlha a minha boca bebe
O orvalho da manhan como um suave licôr.
E abro os pulmões, sorvendo em tudo que me envolve,
Essa onda de volupia e de extase e perfume
Que vem do amor e que nos leva para o amor.

Eu sou um enamórado da vida!
Tenho impetos de voar, de galgar, de vencer
Colinas, penetrar o coração dos vales,
Relinchando feliz como um pôtro selvagem
que sólta as crinas no ar para melhor correr.

Ou retezar as asas brancas de gaivota
E atirar-me na furia incrível das procélas.
Beber em haustos toda a gloria do mar alto,
Rolar no bôjo dos bateis desarvorados
Ou as asas enxugar no alvo lenço das velas.

Vida! Quero viver todas as tuas horas!
As que prendí na mão e as que nunca alcancei.
Ser um pouco de ti no espelho das paizagens
Para quando morrer, levar dentro dos olhos
A beleza imortal de tudo quanto amei!

POESIA DE
OLEGARIO MARIANNO

DESENHO DE CORTEZ

O Moleque Zequinha

AINDA guardo commigo a figura magra daquelle negrinho retinto. Umas calças muito curtas com remendos estrellados. Cabello encarapinhado, muito rente á sua cabeça de melancia, com um par respeitavel de orelhas de abano.

Foi só o que me ficou do Zequinha...

Andavamos juntos daqui pr'acolá, saltando muros, enchendo de pancada os moleques da nossa idade. Eramos respeitados nos nossos sopapos e muito mais ainda nas nossas mentiras. Xingões como uns damnados, não havia menino-rico que quizesse se approximar de nós.

A vizinhança nos olhava das janellas, dizendo qualquer cousa de compremettedor entre os dentes, emquanto os nossos olhos olhavam com brilho triumphador para as vidraças quebradas.

Que gloria espatifar os vidros com uma bola de meia e fazer a garptada disparar de medo pela rua!...

Não entrava dia sem uma queixa guardada desde a vespera, duplicada, pela vontade de ver o chinelo cantar nos nossos costados valentes. Ardiam bastante, mas duravam pouco. E o pae do Zequinha tinha um muque respeitado. Mas nem assim...

Havia prazer immenso em pular uma cerca e dar cabo de tudo quanto era fruta que houvesse pelos quintaes. Goiaba de vez não ficava no pé. Nem carambola, nem sapoti, nem manga...

Era o Zequinha ficar espiando, que eu em tres tempos limpava as arvores. A's vezes nos pegavam em flagrante:

— Sahe dahi, diabo... Vou contar a sua mãe, seu moleque...

Era a conta. Chinelo e tome chinelo, mas... Dois dias muito quietinhos e, de novo, as nossas aventuras começavam.

No collegio nos separavam. Um para cá, outro para lá. Sem recreio, sem sahida; promessas de quarto escuro e nada.

Nós queriamos era pagodeira. Beliscão no da frente, pescoção no detraz, lambidelas na merenda dum, rabiscos no caderno do outro. Não havia professora que nos supportasse. Mas, iamnos deixando na aula porque eramos a salvação dellas, ás perguntas do inspector. Moleque Zequinha, então, era um bicho nas contas. E nos desenhos mais ainda. Com pouco mais de sete annos o negrinho caricaturava a professora com uma perfeição de espantar.

Um dia fel-a com um nariz enorme, que era o della exactinho. Um gury levou-lhe o papel:

— Olha aqui, "fessôra", o que o Zequinha fez...

O resultado foi zero com letra vermelha. O moleque piscou-me o olho. Meia hora depois, o mesmo gury levava-lhe outro papel, onde elle desenhára uma cara bonita de mulher sem o irreverente nariz, com um D. Adelaide bem grande por baixo. E sorriu de contente com um rizinho fino de garoto sabido.

— Ah!, agora sim... Como pinta bem esse menino...

Deu-lhe a nota maior da turma e uma maçã que trouxera para sua merenda. Devorámos a bicha sob os olhares estupidos dos outros. Podiamos não ter comprehendido a cousa, mas o certo é que a fruta valera o golpe.

Era assim. Um fazia, os dois gosavam. Papagaio de um pertencia a outro, bola de gude dos dois ficava num só saquinho de chita. Viviamos assim uma amisade tão sincera que as traquinadas estreitavam mais.

Ainda me lembro bem, — que saudade boa me deu agora, — como me sentia contente a seu lado, sorrindo aos seus sorrisos, com as pernas sujas de lama, joelhos feridos, dedo grande do pé envolto em tiras de panno, como elle.

Olhavamos com a mesma amargura as nossas pipas embandeirolando os fios das ruas. Juntavamos chapinhas de cerveja, carteiras vasias de cigarros, com a mesma satisfação que os millionarios colleccionam cifras. Era essa a nossa riqueza, e que riqueza!...

Talvez, hoje, eu não jogue para o fundo dos meus bolsos os parcos tostões, como fazia, outróra, com as minhas bolas de gude e os meus botões.

Fui moleque como o Zequinha soube ser, de nariz fungando e mãos encardidas, mas satisfeito em o ser.

Um doce de leite, uma cocada, ou uma rapadura, era o nosso banquete. Comiamos aos pouquinhos, fazendo durar muito, prolongando o nosso gôso raro, que só se renovava de semana em semana.

Meu pae perdia os dias numa mesa de escriptorio, minha mãe em cima de uma machina de costuras, e os paes do crioulinho matavam-se tambem na conquista honesta do pão.

Lá uma vez ou outra iamos a um cinema, que era o nosso assumpto de horas seguidas de palestra.

Eram as historias de sempre do mocinho que para salvar a mocinha derrubára dez bandidos com um só sorco... Porque isso, porque aquillo... Então, sinchronizavamos com gritos, assobios, cabriolas, os gestos e a fala dos artistas, os golpes perigosos usados na téla, os tiroteios de bocca, que nos enchiam de alegria e redobravam o nosso enthusiasmo de meninos impossiveis.

Não havia em todo o bairro de S. Christovão molecada peior que a de General Bruce. Tempo de balão era a matula mais perigosa. Ninguem queria saber de historias comnosco. Nós dois, talvez, fossemos os menores da turma. Mas era uma concessão. Os molecões maiores permittiam que andassemos com elles.

Que satisfação para o Zequinha apalpar um balão, correr com um cabo de vassoura nas mãos, gritando:

— Ninguem tasca, ninguem tasca...

Era uma barulheira infernal. Mas nós gostavamos daquillo. Gostavamos sem saber que a vida era só aquelle pouquinho, aquellas carreiras, aquelles cascudos...

Então, por aquelle tempo eu só pensava em ser homem. Homem como o meu cerebro pequenino creára... Mas, hoje, eu vejo como é difficil a realização desse desejo. Tenho lutado, soltado os meus papagaios de illusão, saltado muros para ir buscar os frutos de vez no quintal da D. Esperança, mas...

Ah!, Zequinha, nunca encontrei outro Zequinha como você... Sua figura anda aos pulos na minha imaginação, como o maior bem que a vida me deu.

Nunca mais poderei ter barraquinha de fogos, nem chutar bolas de meia, nem pedir tostões ao Camarão.

Lembra-se do Camarão? Aquelle gorducho que bebia cerveja no botequim da esquina. Tambem morreu como você. Já não resta mais nada delle. Nem de você, meu negrinho, meu amigo de traquinadas. Só essa lembrança de agora e de sempre que vive commigo.

Estou-me lembrando do seu enterro, do seu caixãozinho enfeitado de dhalias e de cravinas, que levava você e, — só, hoje, eu sei, — levava tambem a felicidade que só na meninice foi minha.

Não me deixaram vel-o. Disseram-me que a sua doença pegava nas outras crianças.

Mas eu corri atraz de pés no chão.

Quando aquelles pretos, que carregavam você, viraram a esquina, dei um adeusinho com as pontas dos dedos e com as lagrimas que me molharam os olhos.

Aquella rosa vermelha que puzeram entre os seus dedinhos magros, roubei-a, roubei-a do jardim de D. Augusta.

Depois, deixaram de fazer queixas lá em casa. Tambem as vidraças nunca mais appareceram quebradas...

por **J. M. Brinchmann**
Illustração de ***Fragusto***

D'aqui, D'ali, D'acolá...

POR FRAGUSTO

PEDRO ALVARES **CABRAL,** o descobridor do BRASIL, foi o segundo filho de FERNÃO CABRAL e D. ISABEL DE GOUVÊA. Nos primordios de sua vida, e pode-se mesmo dizer até 1500, chamava-se PEDRO ALVARES GOUVÊA, adotando este ultimo apelido de sua mãe **"visto que era filho segundo e não estava obrigado a usar do nome paterno."** Mais tarde mudou de apelido e passou a assignar-se CABRAL. — A propria carta passada por D. MANOEL em LISBOA no dia 15 de Fevereiro de 1500 nomeando-o capitão-mór da frota enviada ás INDIAS, trata-o ainda de **Pedraluarez guouuea** (PEDRO ALVARES GOUVÊA).

De CABRAL, não existe um unico retrato autentico. Todos que se conhecem são fantasias. Pelo que se apurou da tradição e pelo exame da sua ossada póde-se concluir que CABRAL era homem forte e de grande estatura.

A estatua, ao lado, existente na Sociedade de Geografia de LISBOA, foi esculpida por SIMÕES DE ALMEIDA segundo aquela tradição e em harmonia com as mais precisas informações colhidas em documentos historicos.

Para os pirralhos: A CRUZ MAGICA

Desenhe em cartolina as cinco peças que aqui figuram: 2 L e 3 Z. Recorte-as e procure formar com ellas uma cruz latina.

(A solução, no proximo numero).

NAPOLEÃO, o compasso e o lapis — Proposto por MONGE, LAPLACE e LAGRANGE, — NAPOLEÃO ingressou no instituto de França em Dezembro de 1797.

Conta-se que, nesta ocasião, em Paris, comparecendo a uma recepção dada em sua honra por NEUFCHATEAU, assombrou os convivas discorrendo sobre matematicas, metafisica, poesia, politica, legislação e direito. Conversando com LAPLACE e LAGRANGE referiu-se a um novo processo de divisão do circulo, constante da "Geometria del compás" de MASCHERONI e como LAGRANGE lhe declarasse não conhecer o livro, BONAPARTE pediu um compasso e um lapis e mostrou rapidamente a novidade geometrica.

— "General — disse-lhe LAPLACE — de vós tudo esperavamos menos lições de matematicas..."

Musulmanos curiosos...

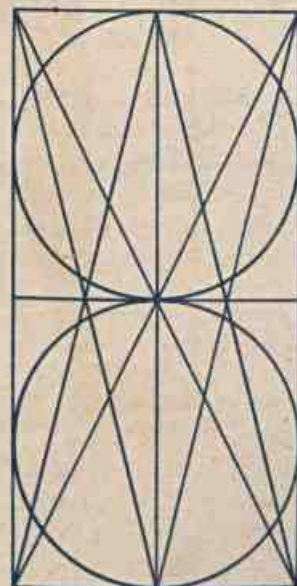
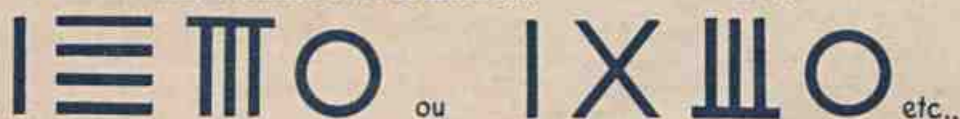
Os musulmanos têm um tal respeito pelo ALCORÃO, que sabem até o numero de palavras e mesmo o de letras que o compõem:

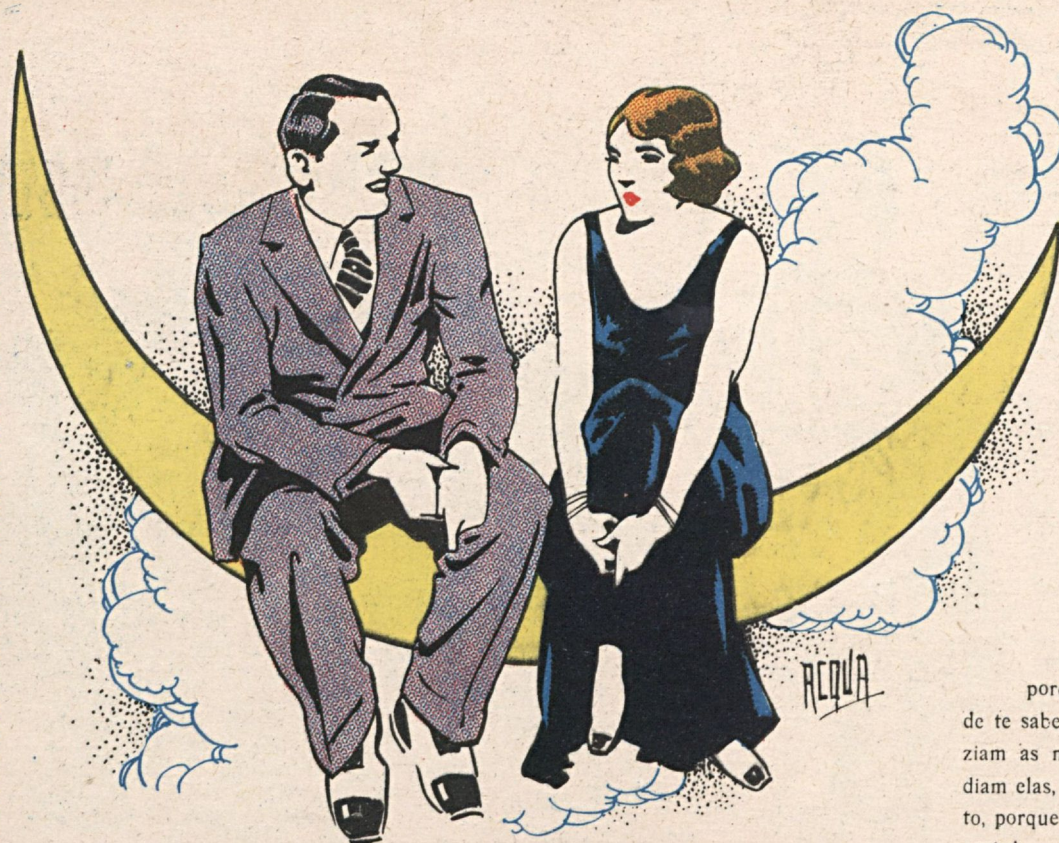
77.639 .... palavras, e
329.015 .... letras.

OS ANTIGOS ALGARISMOS CHINEZES

Até o seculo 13 de nossa era, os chinezes efetuavam seus calculos representando os nove algarismos significativos desta fórma:

para o 2, ... para o 6, etc., sendo o 4 tambem representado por:

Os numeros alem de 9 eram figurados como no nosso sistema decimal isto é dando-se valores de posição aos algarismos escritos uns ao lado dos outros. O zero, tambem como o empregamos atualmente, servia para marcar ausencia de uma ordem qualquer de unidades. Assim, o numero 1.480 se escreveria: etc...

ALFABETO MAIUSCULO CONCENTRADO

O desenho acima, embora relativamente simples, contém todas as letras do alfabéto latino.

ESPELHO DE CASADOS

C. DA VEIGA LIMA

DESENHO DE F. ACQUARONE

LUCIO — Oh! o julgamento alheio é quasi sempre uma tolice... Quem póde dizer que conhece o ser intimo, a figura desconhecida da alma?

GILDA — Dás sempre curso a ideias absurdas. Repetes a mesma coisa.A alma deve ser tão simples ou tão complexa como a vida. O melhor é continuar a sorrir, a amar a vida...

LUCIO — Depois que te conheci Gilda, amei-te como jamais amei outro ser, com uma ternura particular, um infinito desejo de perfeição. Dei-te o mais puro de meus pensamentos, a volupia de um sonho, o meu amôr! Durmo com a tua imagem no fundo dos meus olhos para te recordar sempre nos meus sonhos... Coisas de creança, não? Os poetas são eternas creanças.

GILDA — Na verdade tenho a suspeita de que a imaginação nos obriga a crear quiméras, ilusões, coisas do outro mundo, do "mundo que não existe", como dizes nos teus romances pateticos.

A vida é sempre para os seres felizes.

LUCIO — A vida é sempre differente para os seres felizes. A nossa intimidade é feita de um contáto de alma, de alegria pura, desinteressada... Espero sempre, aquecido agradavelmente de uma febre secreta, a hora em que me revelas humildemente o misterio feminino... A profunda, a doce alegria do amôr...

Quando o antropoide se apercebeu pela primeira vez no espelho das aguas, perguntou — quem sou? A replica da sua imagem era para êle uma nova imagem do ser... Estava singularmente percebendo sem consciencia que ha para além das coisas uma fórma espiritual de vida... Aquilo que chamamos alma, a chama espiritual que anima as coisas e os seres...

GILDA — A hora dos véos misteriosos, banhados da auróra, como dizes com tanta graça... tanta emoção...

LUCIO — A vida é assim, Gilda, porque revela cada dia um novo encanto... A imaginação vale a riqueza... A viagem a Cythéra é feita diariamente, imaginariamente, por milhares de seres. Tentadores os véos misteriosos do amôr... Muitas vezes se pensa colher uma petala e se tem toda a flôr... Toco a tua pele e sinto uma torrente de lirios...

GILDA — A Felicidade ás vezes me apavora como uma noite profunda e muito bela. Além da claridade perfeita deve haver sombras muito densas...

LUCIO — Pódem ser sombras luminosas... A alma lirica de Castro Alves... O espirito romantico de Olavo Bilac... Pensar o contrario é o mais frequente e natural dos erros. A experiencia do erro é a mais frequente das experiencias.

GILDA — No amôr, o silencio vale mais do que as palavras. A ilusão mais que a certeza.

LUCIO — O silencio é sempre um ninho de desejos impossiveis, insatisfeitos. Qualquer coisa como a cinza das cartas de amôr, das esperanças decaidas, das ilusões perdidas... O silencio é como segredo do ser.

GILDA — A tua experiencia da vida é perfeita. Tens o poder de ler em ti e comprehender os teus estados de alma. As tuas palavras misteriosas estão cheias de intenções, diria melhor, de revelações. Começo a comprehender porque te amo... Achava-me tão feliz de te saber feio, absurdamente feio, como diziam as minhas amigas... Não comprehendiam elas, as pobres, porque eu te amava tanto, porque me sentia tão bem perto de ti, meu amôr!... Quando te dei o meu ser obedecia a um desejo profundo, a ansia secreta do amôr. Um homem feio, diziam as minhas amigas intimas, um homem tão belo, repetia o meu coração ardente! Algumas vezes repito para mim mesmo — ha um homem amoroso sobre a terra, um homem que tem pudor do seu sentimento e da sua ternura, e sou eu que o possúo, és tú!...

LUCIO (com emoção) — Sinto-me, Gilda, verdadeiramente arrebatado pela paixão, como os ardentes e os simples, os inocentes e os enfermos, os felizes deste mundo, porque têm a suprema graça do sentimento... Comprehendo a infinita doçura de obedecer a natureza e a embriaguez de viver com a fortuna do amôr... O melhor é continuar a sorrir, a amar a vida... Ha para além das coisas uma fórma espiritual de vida... aquilo que chamamos alma, que anima as coisas e os seres... A profunda, a doce alegria do amôr.

GILDA — A vida é sempre igual para os seres felizes. O ser harmonioso é o produto de uma vida cheia de realisações. O mais intenso drama está em ser feliz... Haverá na vida humana luta mais forte, mais intensa do que a que se passa em nós mesmos, no fundo do coração? O dialogo interior é a mais tragica das lutas... Os desastres, as catastrofes são elementos ordinarios, falhos de sugestão creadora. Que é no fundo o amôr? A procura do ser e a maneira de fixa-lo.

LUCIO — E' a melhor definição. A unica que alcança o raio espiritual da alma... A felicidade não póde, não deve ser o resultado de uma ilusão... O amôr é o milagre da vida... A ilusão a unica certeza possivel... A felicidade não póde ser o resultado de uma mentira... O amôr sempre existiu!

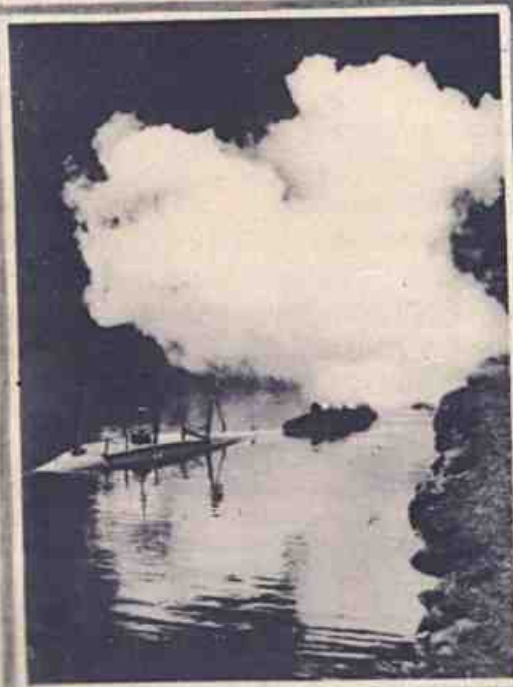
GILDA — (com enfase) Sempre.

MANIFESTAÇÃO DE SYMPATHIA — Milhares de estudantes da Universidade de Stambul (Turquia) desfilaram em parada deante de Kemal Pachá para lhe significarem que apoiam a obra de regeneração nacional emprehendida pelo Dictador musulmano em sua patria.

TRES PARA CADA UM — Quatro pandegos de San Diego (Estados Unidos) apostaram que haviam de apanhar 12 peixes da mesma especie, no mesmo dia. O premio consistia na partilha das presas: — tres para cada um. E como elles pensaram assim foi feito.

O mundo em revista

ESPALHANDO A DESOLAÇÃO — Uma das muitas casas que tombaram por terra, em Belgrado, durante o ultimo terremoto alí registrado. O numero de mortos e feridos foi tambem grande.

UMA IMPONENTE PARADA MILITAR — Desfile dos cadetes da Academia Militar de San Diego (Estados Unidos) num dia de festa nacional. Entre esses futuros heróes contam-se varios cidadãos sul-americanos.

OS SUBMARINOS DE AMANHÃ — Espectaculo maravilhoso, proporcionado pela explosão de um torpedo lançado, nas aguas do lago Spreckels, por um novo typo de submarino, cujo inventor é o Sr. Henry Fleur. A esplendida arma de guerra é velocissima e fez o trajecto do lago em alguns minutos.

UMA CARAVANA NOS SERTÕES DE YAQUI — Passagem dos excursionistas do Automovel Club da California pelo sertão de Yaqui, que fica a 24 milhas ao sul de Guaymas (Mexico). Ao lado, o caminho de ferro da South Pacific Railway.

O Lago AYAPUA

Depois da pesca do pirarucú

O LAGO AYAPUA'

NONNATO PINHEIRO
(ESPECIAL PARA "O MALHO")
(Da "Sociedade de Geographia")

Pesca do pirarucú

A' margem esquerda do baixo e irrebellado Purús, — o rio mais sinuoso da Bacia Amazonica, de uma extensão itinerante de 3.210 kilometros, formador de innumeraveis curvas, de **peráos**, de **saccados**, de **estirões** e aquelle sobre cujas aguas e margens, de um verde intenso e eterno, derramaram-se com o mais bello estoicismo e requintada bravura, nas successivas refregas e **avalanches** da Epopéa Acreana os seringueiros-soldados e após projectou-se a imaginação directa e febricitante de um grande neurasthenico de genio, — Euclydes da Cunha —, descansa, perturbador como um sonho, um pedaço do Eden, ou um ignoto recanto da Genese e prenhe de Poesia e de fartura, o bello é pouco conhecido Lago Ayapuá.

Surprehendentemente virginal e scintillante á vida e ao Sol dos tropicos, como um vasto espelho liquido ou um desmesurado painel proscenico, espargindo em tôrno a hypnose do verde, a sua vastidão espraia-se pelas rebordas gracis, pelas devêzas, os quadrantes infindos e o rendilhado das aguas e dos ramos, como o estendal de um vasto tapete recortado aos desenhos da hydrographia impar e aos caprichos das cheias, das curvas e das sinuosidades.

Ha, na profundeza e recolhimento mystico e soterrado do seu alveo, como na perturbação e beatitude das suas aguas e reconditos, uma plethora orgiaca de sêres e de seivas, florindo, avultando e contundindo-se na ansia das caçadas, a Flora virgem em reacção com a Fauna rica, as aguas mortas rivalisando com as terras, e, sobrepondo-se a tudo, o turbilhão incontido e variegado de aves, de quadrupedes e de peixes superabundando nos bandos, nas manadas, nos cardumes. Ayapuá, no estendal da selva amazonica, é um remanso exul, vivificado e perennal á depressão do espirito.

A Fauna rivalisa ahi com a Flora, em tudo, permanentemente, na multitude dos sêres, dos scenarios, das safras, dos aspectos mil, na esmagadora visão de uma fecundidade monstruosa, que deixa o homem estarrecido deante de tamanha fartura e de tão incriveis reservas.

Ouriços da castanheira que contêm as amendoas.

A agua tranquilla, doce e ás vezes de topazio, de cobalto, onyx e reflectindo na extensão do seu espelho o ceruleo do Céo e a esmeralda das margens e da Selva, revela na face ignota, desconhecida dos poetas e dos pintores advenas e nativos, uma primeva e exotica sociedade de entes barbaros, livres, alados, vegetativos, quadrumanos e até então segregados e immersos em pleno paraiso terreal ou na Chanaan pulchra, rediviva, deslocada da lenda e do Oriente, para o ignoto dos longes, da **jungle** e dos tropicos! Em tôrno do rumor da Selva, do rugir das panther e dos tufões; do farfalhar das HEVEAS, da BERTHOLET EXCELSA, dos ASSAHYS, das SAMAÚMAS; do silvar das a tas e das serpes; do gralhar da arára fámula; do vozear dos mios e do chilrear dos **uyrapurús** e **tico-hans** bravios, voejam c profusão os **maguarys**, passeia a garça eburnea, cochilam os tu **uyús**, deslisam **mururús**, espumas, algas, patos selvagens, Victoria Regia e emergem pelas rebordas e á flôr das aguas, a cardumes, os cheloneos, os **paturys**, o **peixe-boi**, o **pirarucú** e silhuetas fugitivas e eroticas dos bôtos, reluzindo os dorsos n mergulhos, na ansia dos saltos e das fugas de uma arranca bravia, hedionda, nautica, brutal, porfiada e que por muitas v zes encheram de interesse e de horror as retinas de hospédes advenas, de sabios e de intrusos, de aventureiros e de obser dores como Richet, em peregrinação pela Amazonia.

Nossa Senhora vista pelas mulheres

UMA grandiosa e original exposição de arte teve logar, ha pouco, em Florença, patrocinada pelo Lyceum, instituição que honra a Italia, estando sempre prompta a dar o seu apoio, o seu concurso desinteressado a todas as iniciativas louvaveis.

Nessa mostra artistica, a Mulher foi chamada a "ver" e a representar a Virgem Maria. Uns duzentos e sessenta artistas de varias nacionalidades alli expuzeram suas obras-primas, destacando-se os hungaros, os tcheco-slovacos, os dinamarquezes, os belgas, os francezes, os allemães, os inglezes, os americanos.

"Nossa Senhora com o Menino Deus" segundo Clelia Bertetti (Turim).

Pela primeira vez, as lindas filhas de Eva acquiesceram em figurar no extraordinario certamen de Florença, e pela primeira vez, tambem, ellas "viram" a Mãe de Jesus e retrataram-na em suas attitudes sublimes, que só o genio e o sentimento de amor poderiam exaltar até ao prodigio.

A estas notas, que não passam, a bem dizer, de uma chronica secundaria (dada a falta de espaço) acompanham sómente reproducções de algumas das photographias mais typicamente e nobremente representativas dos trabalhos apresentados no "salon" florentino.

PIERO DOMENICHELLI

A "Nossa Senhora" de Anna Hagemann (Karlsruhe).

"A Virgem" de Victorina Sirotti (Ravenna).

A "Mater amabilis" de Maria Lautenschlager (Stutgart).

"Maria e o Menino Deus", por Tarsilla Proto, de Turin

Senhora

SENHORITA...

Não é só na rua que a mulher moderna traja bem. Por menos que fique em casa, cuida da "toilette" com capricho, esmerando-se na arte de vestir um pijama, na de parecer linda com um "déshabillé" de setim, de veludo, de crêpe, de estamparia japoneza, de crepon de algodão tambem.

Os vestidos cresceram no comprimento.

Os "déshabillés" ainda são mais compridos.

Em geral na tesoura é que reside toda a elegancia da béla roupa de interior. Porque, como se vê dos figurinos aqui impressos, os que levam algum enfeite fóra de prégas, de ninhos de abelhas, de recortes, apenas se ornam com uma carreira de botões, de uma volta de "renard", de um tufo de plumas.

SORCIÈRE.

"Déshabillé" de setim luminoso rosa coral forrado de azul medio.

No vestido de casa á esquerda, de talhe "princesse", "renard argenté" destacando-se de veludo azul brilhante; no da direita, de setim vermelho vinho, uma carreira de botões prateados.

O luxo explendido do branco singelo, — setim ou veludo — neste "deshabillé" de largas mangas como kimono, um tufo de plumas rôxas na cintura.

"Deshabillé" elegante, talhado em setim prata, cinto e punhos das mangas com um bonito e caprichoso trabalho de ninho de abêlhas.

DE TUDO UM POUCO

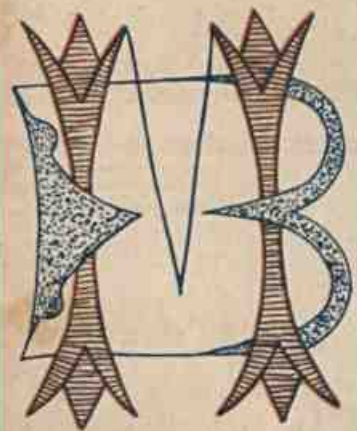
CUIDADOS

Josefine Baker cuida assim da sua beleza:

. . . Para sêr bonita é preciso muito ar, luz, pouco sol. Quando chove visto-me com um capote adequado ao tempo, um boné, um par de galochas, e saio, ando muito, volto contente, tambem com a impressão de que branqueei. . . si bem que as parisienses voltem de Juan les Pins mais escuras do que eu. . .

. . . Para ser bonita é preciso beber caldo de frutas, banhar-se com essencias de flôres, observar os preceitos de cultura fisica para não engordar, e. . . comer quando se tem fome. Depois. . . Ter pena dos que nos pedem uma esmola.

Para a grande "vedette" a boniteza consiste no que ai está, e na caridade: em dar com a esmola solicitada um sorriso bom.

Penas de galo, com reflexos de metal, compondo um chapeu "toque" muito moderno.

Flôres do Japão

O GRANDE JAPÃO

(Um trecho — Henrique Paulo Bahiana)

. . . "No Japão, uma das épocas mais festivas e brilhantes do ano é a floração das cerejeiras. Para o japonez a flôr da cerejeira resume o *Bushidô* ou codigo do *bushi* — o qual prefere sucumbir a suportar a minima deshonra, como a flôr da cerejeira se desfolha antes que as suas petalas murchem. E um velho proverbio diz: "a flôr da cerejeira é a primeira dentre as flôres, como o guerreiro é o primeiro dentre os homens".

A *sakura* (assim se denomina a flôr da cerejeira), possúe grande numero de significações simbolicas. Simbolisa em particular a alegria do amor, a delicadeza de sentimentos — que é o aganagio dos *samurais* — a beleza, a coragem.

Mas, antes de mais nada, simbolisa o coração, a alma do Japão. Esta é a sua significação essencial. E os japonezes repetem com Motoori:

"Perguntais a que se assemelha
O coração do Japão?
A' flôr da cerejeira da montanha
Exalando o seu perfume ao sol da manhã".

Todos os poetas japonezes teem cantado a cerejeira, que ao longe dá a impressão de uma nuvem vaporosa, transparente e branca e de perto se assemelha à neve.

Abril traz consigo a primavera e a floração das cerejeiras. E são trinta dias de festas incomparaveis, de efervescencia e de entusiasmo. Ninguem tem outro pensamento, cogita de outro assunto e fala de outra coisa".

TRAJE ESPORTIVO

"Pull-over" e boina de jersey preto com bordados a côres. Nos punhos das luvas os mesmos desenhos. O mesmo traje póde ser feito em verde, marinho e "beige".

GUERRA ÁS MULHERES

Conhecido jornal francês comentou a fundação de uma cidade em Buenos Ayres: Villa Desocupacion. Construida no mais moderno dos estilos, a nova cidade não admite, entre os seus habitantes, o sexo debil.

Parece que nós, aqui tão perto da terra que na Europa se conhece pela "Paris sul americana", ainda não sabiamos de tal coisa, pois não?

COISAS DA MODA

A côr dominante é uma certa tonalidade de verde — o oliva ao verde musgo com reflexos de verde bronze. Serve para o "tailleur" talhado com singeleza, guarnecido de "clips" de metal.

Nos vestidos de de tarde o vermelho China, o vermelho claro, o amarêlo limão, o rosa. . .

— —

Pequenos véus da tonalidade dos chapeus sobre os olhos, ás vezes até abaixo dos labios.

— —

Flôres de papel metalico, de palha tecida em "crochet", de lã angorá na gola dos casacos.

— —

Cabêlos ondulados, sempre ondulados. Porque não estamos, felizmente, sob o governo de certa cidade da China onde as mulheres de cabêlos frisados tiveram de sujeitar-se a raspar a cabeça — cabêlos crespos influem muito sobre o moral das mulheres.

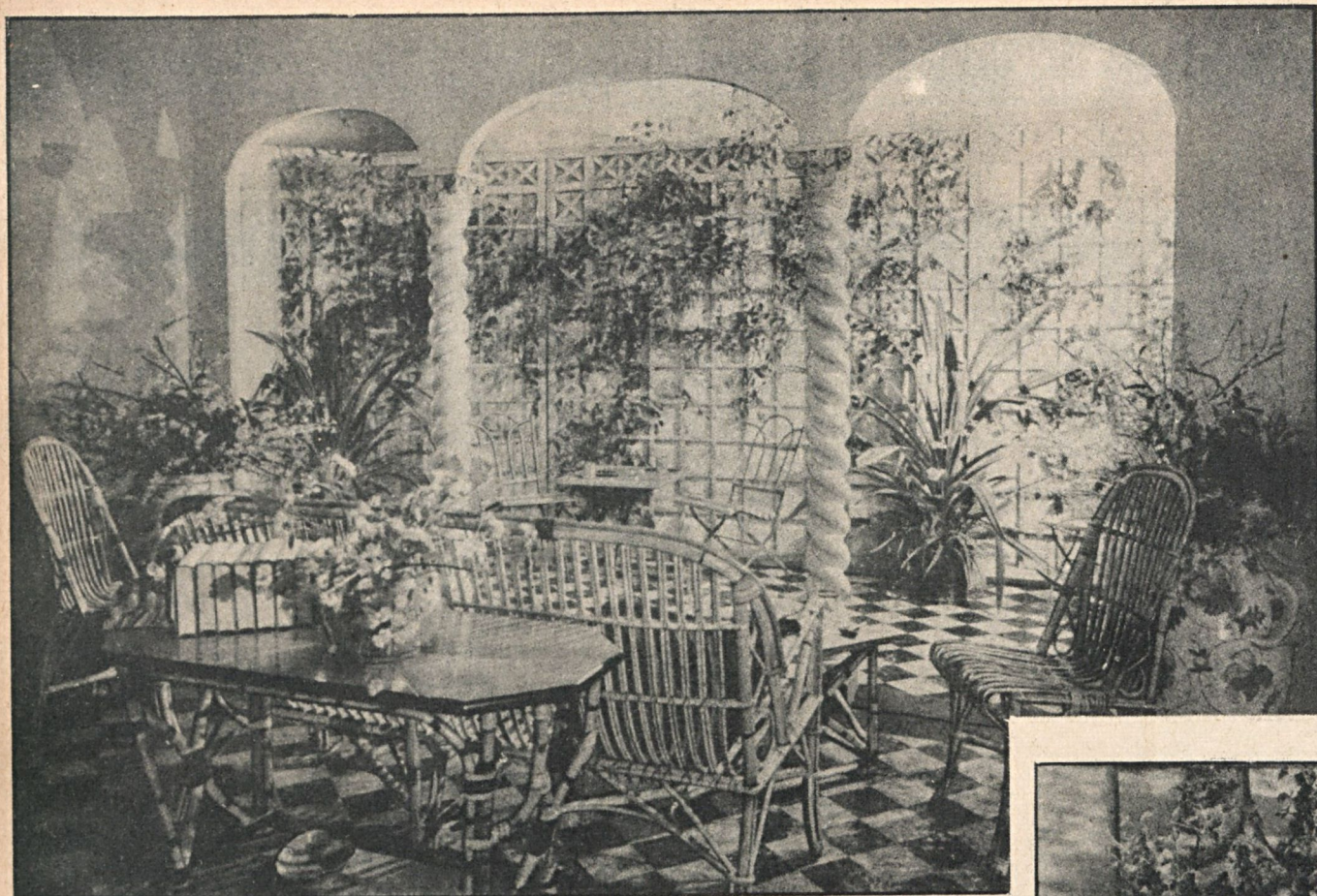
SAUDADE

(Do livro "Agua Corrente" — de Olegario Mariano)

Saudade! Dor que purifica! Trama
Imperceptivel que o Destino tece.
Crepusculo que cái sobre quem ama,
Resonancia da voz quando emudece.

Saudade. Mãos em cruz, labios em prece,
De extinto amor és quasi extinta flama.
Luar invisivel que do céu derrama
Luz que desperta e sombra que adormece.

Cair lento de palpebras. . . Grande ansia
Que aproxima na dor as creaturas. . .
O' saudade! Fiandeira da distancia

Que todo o dia e toda a noite fias,
Anestesiando as minhas amarguras
Que se transformarão em alegrias.

A DECORAÇÃO DA CASA

Os moveis de varanda devem ser tão confortaveis como os que guarnecem uma sala de estar. E sala de estar propriamente dita, nos dias de calor, é a varanda de uma casa, aberta para o jardim, muito arejada, cadeiras e sofás de vime, em geral com assento conforme o encosto, muita vêz tambem acolchoados, mais quentes assim, no entanto mais confortaveis.

Aqui estampamos uma varanda ideal, atraente pelo aspéto dos moveis e pelo aspéto das plantas distribuidas nas jardineiras, nos vasos, em trepadeira no gradeado que dá para a rua.

EM cima, da esquerda para a direita: vestido de primeira comunhão — "georgette" branco, saia e blusa com preguinhas; costume de rapaz, tambem para primeira comunhão: calças de flanela listrada — branco e preto, casaco e colete de veludo ou de flanela; vestido de organdi, bainhas de laçada como ornamento; tambem de organdi o vestido junto, ornado de babadinhos franzidos; costume de flanela branca, paletot de flanela marinho; vestido de "georgette" branco, blusa com fôfos, um fôfo na saia.

A MODA PARA GENTE MEÚDA

Em baixo: vestido de crepe de seda rosa, babadinhos plissados; vestido de "georgette" verde resedá, saia com fôlhos godeados, gola tambem godeada; vestido de crepe-romano rosa, guarnição de fita na gola e no balão das mangas; babados estreitos e bainha de laçada neste vestido de "georgette" verde agua.

CONSELHOS PRATICOS

GOBELIN

A tapeçaria Gobelin — verdadeira ou de imitação — deve ser limpa surrada de leve. Nunca se empregam escovas porque embaraçam o tecido prejudicando as nuanças do desenho.

GUARNIÇÕES DE METAL

As guarnições de metal do mobiliario, quando não são bronzeadas, e sim côr de ouro ou de prata, serão limpas, uma vês por semana, com um dos preparados que pelo comercio se encontram — e limpas, diariamente, com flanela seca bem aveludada.

TECLAS DE PIANO

As teclas de piano, sujeitas a amarelar ou a escurecer, devem ser tratadas, depois de utilisadas, pela fórma a seguir: humedecidas com um pano de flanela embebido em alcool diluido, secas com flanela tambem, porém enxuta e amornada, e expostas, por momentos, á claridade do dia.

As manchas de mosca nos teclados dos pianos são retiradas com cebôla cortada, passada sobre elas, enxaguadas com um pouco de pano molhado em agua morna, secas pelo processo do polimento — flanela aquecida.

As manchas de tinta saem facilmente com cinza de charuto num pouco de oleo purificado, em cima por varias horas. A seguir — oleo misturado a vinho tinto, formula preciosa para dar ás teclas manchadas de tinta o brilho primeiro. Naturalmente um pano de flanela, bem seco, completará o serviço.

VESTIDOS PRATICOS

De seda, de crêpe de lã e seda, de esponja de seda — Três modelos, juntamente com os chapeus, para a meia estação.

GELADEIRAS

No tempo do calôr a geladeira é indispensavel em qualquer casa: para conservação dos alimentos e frescura da agua.

As geladeiras devem ser lavadas com agua quente e sabão, enxaguadas com agua pura, tambem quente. De duas a quatro vezes por ano, defumá-las com enxôfre, deixando-as abertas, num aposento arejado, por tres dias, mais ou menos.

As geladeiras não comportam comidas quentes, só devendo ser abertas para que se retirem as coisas de que se carece.

FUMO

O odôr do fumo, impregnado nos aposentos, será absorvido por uma esponja molhada, renovando-se a agua de quando em quando.

CAL

Como a tinta, as paredes pintadas de cal rescendem de maneira desagradavel, quando novas. O cheiro incomodativo depressa se irá se no aposento fôr colocado jarro com vinagre aquecido em banho-maria.

Penteados de "estrêlas" de Cinema

O de LONA ANDRE, da Paramount.

Cabêlos de oiro — GRETL THEIMER, da Ufa.

O de JUDITH ALLEN, tambem da Paramount.

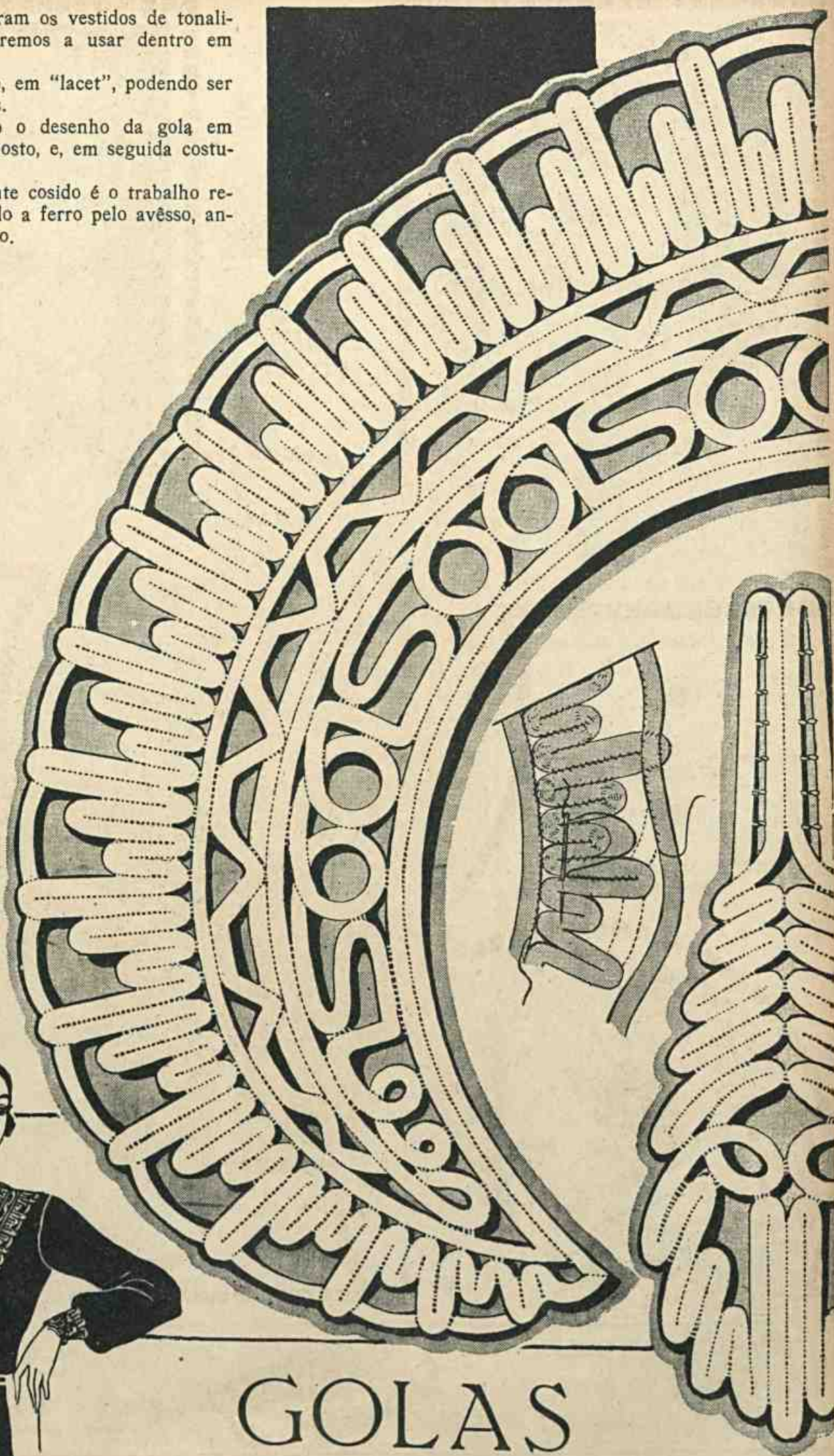
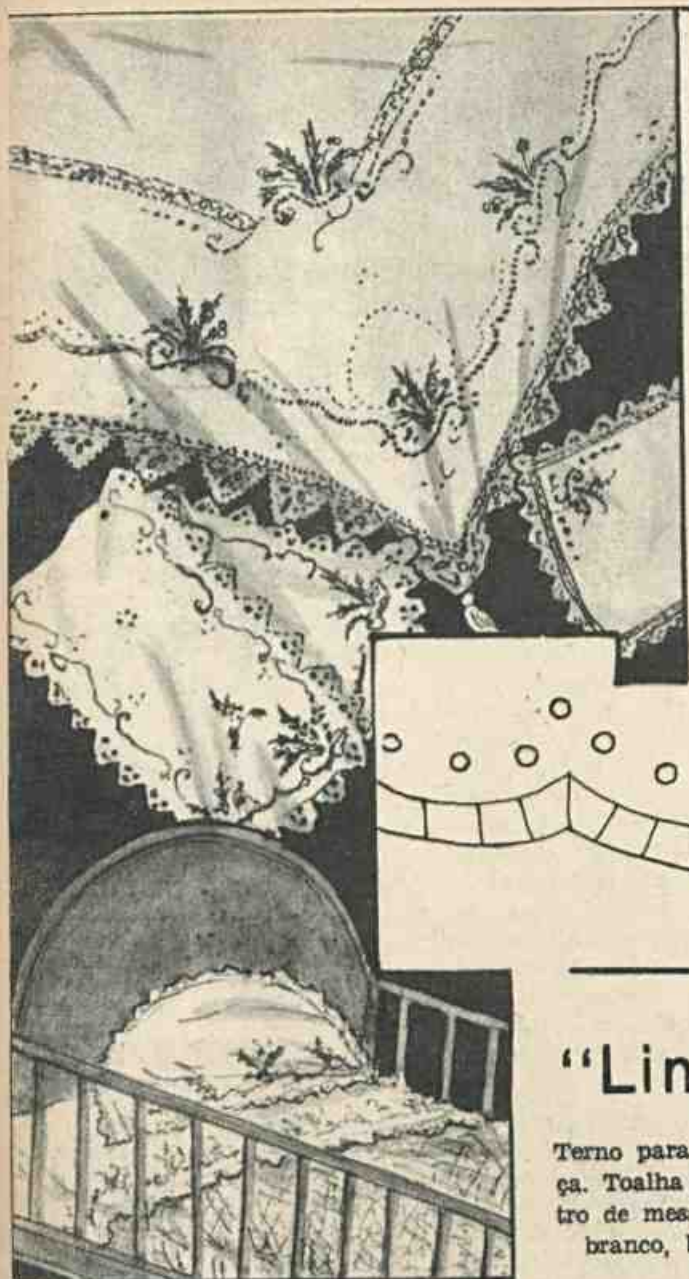
Tranças de um lado, cabêlos lisos do outro — o penteado de GAIL PATRICK da Paramount.

Um arranjo de cabêlos de KATHE VON NAGY, da Ufa.

As golas claras alegram os vestidos de tonalidade sombría que passaremos a usar dentro em breve.

Aqui está um motivo, em "lacet", podendo ser aplicado de varios modos.

Execução — Traçado o desenho da golą em papel forte o "lacet" é posto, e, em seguida costurado conforme a fig. 1.

Depois de inteiramente cosido é o trabalho retirando do papel e passado a ferro pelo avêsso, antes tendo sido humedecido.

GOLAS

"Lingerie"

Terno para cama de creança. Toalha para chá e centro de mesa, feitas de linho branco, bordado inglez.

Jogo para mocinha e vestido para menina: cambraia de linho branco, bordados finos.

Vestido para creança — linho azul claro, bordado fantasia. A barra do vestidinho deve ser no ton mais forte do bordado.

Almofada de "moiré" beije, bordado fantasia. Fôfos e borlas no ton do bordado.

◆ ◆
◆

Belleza e Medicina

Modernas orientações scientificas da esthetica

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

A esthetica é sem a menor duvida, a especialidade medica que merece ser mais divulgada. Nesses ultimos annos, ella tem despertado grande attenção, em todos os centros hospitalares do mundo.

Nos tempos antigos, a esthetica era cultivada, mas sem uma orientação scientica, pois os medicos não se interessavam pelo culto da belleza, não pensavam na cirurgia esthetica, não se incommodavam pelos cuidados da formosura. Hoje, entretanto, a classe medica proclama o direito á bellez , do mesmo modo que o direito á saude. A esthetica interessa modernamente aos hospitaes de todo o mundo, o que prova que essa especialidade medica cada vez mais vem se desenvolvendo.

Millionarios ou pobres, todos, em uma palavra, têm necessidade dos cuidados estheticos, pela razão de que os defeitos physicos influem sobre a vida humana, prejudicando os menos favorecidos pela sorte. Entretanto, as deformidades corporaes podem ser attenuadas, melhoradas de um modo consideravel ou curadas definitivamente, com a utilização dos meios scientificos de que dispomos.

Sempre o amor á esthetica foi uma revelação de cultura. A intelligencia progressiva da humanidade comprehendeu os alcances formidaveis desses aspectos da existencia e achou-se no dever de apural-os, mais a mais, pondo em jogo os recursos da observação e da experiencia.

Com os surtos vivos da hygiene, com as legislações sobre athletismo, com a eugenia, com a physiotherapia e cirurgia especializadas, com outras especificações tendentes a aperfeiçoar o individuo, no aspecto normal de sua apresentação, a sciencia tornou-se, assim, uma orientadora primordial do apuramento e do cultivo da belleza, como creadora de uma chapa nova para o progredimento das raças.

A sciencia, portanto, enfermeira zelosa dos males, vem actuando, de longo tempo, no sentido de alcançar essa finalidade, que é uma aspiração de innumeras pessôas. Muitos são os que se sentem inhibidos de agir e vencer, em vista de defeitos que apresentam, perfeitamente removiveis, mas que se afiguram verdadeiros estorvos, no torvelinho de nossas acções consuetudinarias.

A contribuição dos processos scientificos fez-se, por isso, indispensavel. E essa contribuição valiosa abre horizontes novos ás esperanças dos que, momentaneamente soffredores, procuram um recurso efficaz para seus males.

Dahi, as idéas de correcção physica, applicadas com tanta opportunidade pelos que se dedicam á esthetica.

Pelo que se tem visto, o prolongamento da mocidade, da perfeição das fórmas não é uma excepção. E' facto que se aprecia diariamente e que caracteriza a exactidão dos recursos scientificos do nosso tempo.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

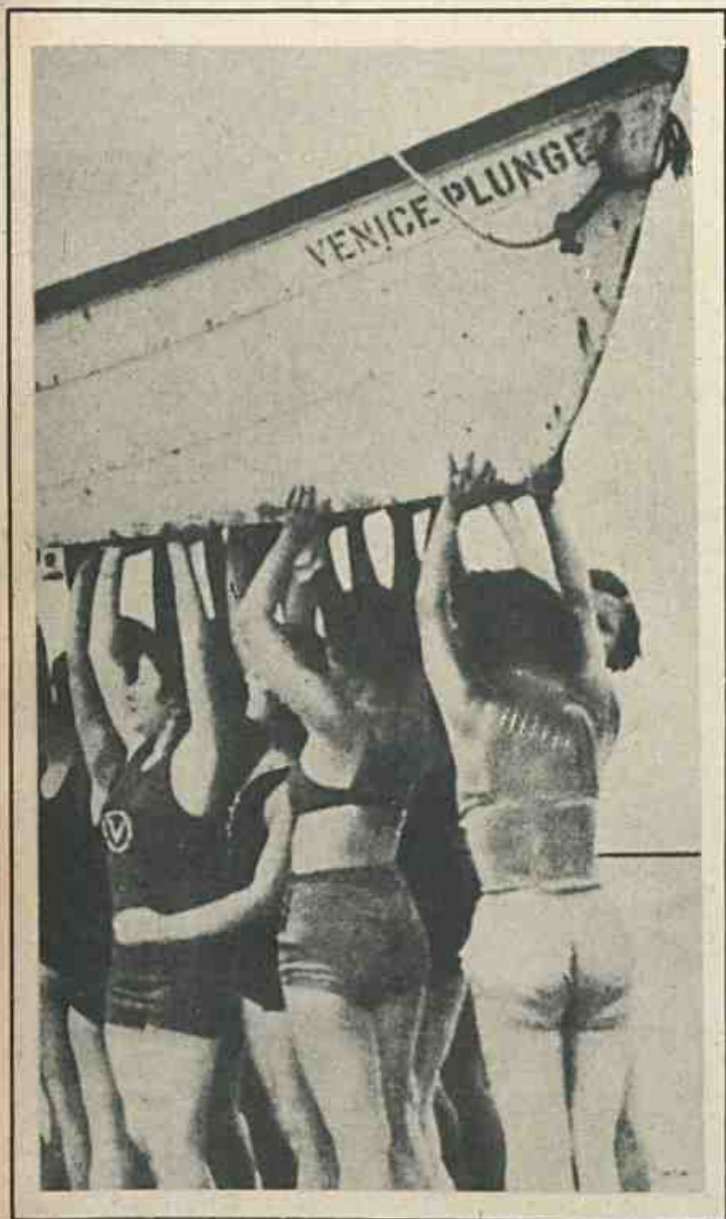
BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

A mulher no sport

Banhistas de um club nautico de Los Angeles, transportando para o mar este grande barco. Assim reunidas formam um grupo que seria motivo para uma bella esculptura...

1.º TORNEIO COMMUM DE 1934 — JANEIRO, FEVEREIRO E MARÇO

N.º 43 — 29 MARÇO

PREMIOS: — 1 para cada um dos vencedores de 1.º e 2.º logares, 2/3 e 1/2 dos pontos, e para o autor do melhor trabalho, escolhido por votação entre os concurrentes classificados segundo o criterio regional; esse premio será o retrato do mais votado publicado dentro do nosso Quadro de Merito. Serão feitos os desempates, quando precisos. O premio de 1.º logar é um Diccionario do Charadista, de A. M. de Souza.

LIVROS adoptados nos *torneios communs*. Cand. Fig. (edição pequena); Simões da Fonseca (idem); Fonseca & Roquette (os dois volumes); Chompré (Fabula); Bandeira (Synonymos); A. M. Souza (Manual do Charadista, os 2 volumes); Jayme de Seguier; Vocabulario Monossylabico, de Castilho. Para os desenhados: Rifoneiro Portuguez (de Pedro Chaves); Adagios Portuguezes (de Antonio Delicado) e o Diccionario de Moraes, até a 7.ª edição.

ALBUM DE OEDIPO

QUADRO DE HONRA

Campeão Brasileiro de 1933 — MR. TRINQUESSE

4.º TORNEIO COMMUM DE 1933 — N.º 26

DECIFRADORES

TOTALISTAS

Velhusco, R. Said, Lolina (todos 3 da Cidade do Salvador, Bahia), Etiel, Euristo e Vasco Dias (todos 3 de Lisboa), Mawercas e Lidaci (ambos desta Capital), Helio Florival, Noiva da Collina, Belkiss, Taft, Eneb, V. Neno, Vivi (todos 7, do Grupo dos XX, de Piracicaba), Tercio-Filho, Ricardo Mirtes, Alvasco e K. Nivete (todos 4, de Recife), 23 pontos cada um.

OUTROS DECIFRADORES

Passaro Negro (Barbacena, Minas), Americo, Ananias, Castrinho, Canhoto, Scylla (todos 5 da Gente Nova, de Corumbá), 21 cada; Tiburcio Pina (Bahia), Gandhi (Campos, E. do Rio), Candinho (Bananal), Capuchinho, Capichoto e Capichola (todos 3 do Gremio Capichaba, E. Santo), 20 pontos cada; Dama Verde (Salvador, Bahia), 17; Edipo (Curityba, Paraná), 15; Bibliophilo (Santa Barbara, Minas), 13; De Souza (Capital), 12; Pardaillan (A. C. L. B. — Capital), 9; Principe Aymone (João Pessoa, Parahyba), 7.

DECIFRAÇÕES

101 — Grão-mestre; 102 — Africano; 103 — Manducação; 104 — Penitente; 105 — Espadachim; 106 — Desolado; 107 — Pandora; 108 — Trincadura; 109 — Pegada, pegado; 110 — Costa, costo; 111 — Nato, nata; 112 — Sorva, sorvo; 113 — Corrida, corda; 114 — *Nulla*; 115 — Manente, mate; 116 — Mandinga, manga; 117 — *Nulla*; 118 — Cachino (chi, cano); 119 — Alagosta; 120 — Iodamia; 121 — Maroto; 122 — Comtanto que; 123 — Qual carapuça; 124 — Fazer fortuna; 125 — Morra Marta, morra farta.

NOTA — *Indiligente, indigente* para 114, e *Tomilho, tolho* para 117, foram annullados: a primeira porque, charadisticamente, houve uma inversão nos termos da charada, isto é, o *pobre* deveria estar em ultimo logar para estar de accordo com a segunda variante; a segunda, porque aquella — nota — do primeiro verso, deveria ter levado commas, uma vez que houve mudança de funcção grammatical.

NOVISSIMAS 241 a 246

3—1—Não obstante ser nossa *obrigação* pagamos com *pena* o "*imposto*".

Duga (Aracajú' Sergipe)

1—2—O *filho de Jacob*, de braços com esta "*mulher*", *caminha bamboleando-se*.

Canhoto (Gente Nova, de Corumbá)

2—2—Nesta "*embarcação*", quando a campainha *tilintava* acudia grande "*mó*" de marinheiros.

Bisilca (Natal, R. Grande do Norte)

2—1—Todo o dia debaixo desta "*planta*" vae o "*porco*" fazer o seu *descanso*.

Edipo (Guarda Velha, Curityba)

1—2—*Com certa prudencia* consegue-se muita *influencia*.

Castrinho (Gente Nova, de Corumbá)

1—1—Logo que o "*artigo*" *chegue*, mandal-o-ei junto com a "*materia liquida*"!

D. Chico T. (Guarda Velha, Curityba)

CASAES 247 a 250

2—A *perpetuidade* não é para "*mulher*".

Principe Aymone (João Pessoa, Parahyba)

2—Com *pedra preciosa* não se faz "*cousa ruim*".

Scylla (Gente Nova, Corumbá)

2—A voz deste "*animal*" é toda em "*escala*".

Sindulpho Camara (Fortaleza, Ceará)

4—O "*osso*" aggravou o "*volvulo*".

Ricardo Mirtes (Recife)

SYNCOPADAS 251 a 254

3—2—Vi um barco *arredondado* no *rio Pó*.

Luar (G. T. A., Theophilo Ottoni, Minas)

3—2—*Espesso* e longo é o meu cabello, no entanto é tão *liso*!

Lily Quaglietta (São Paulo)

3—2—A gravata do *usurario* é "*tiro de couro*".

Perola (Lorena, São Paulo)

3—2—Mas que *soluço*!... Mesmo estando longe eu o *percebo*.

Othon von Mach (Nictheroy)

ENIGMA 255

Tome aqui esta uma letra
Que de certo não é x,
Bote-a junto da vasilha;
Mas isso a ninguem se diz,
Pois se o sabe, a Petronilha
E' capaz de com a filha
Matar sem dó a "*perdiz*".

Tiburcio Pina (Cid. do Salvador, Bahia)

CHARADAS 256 a 258

Desliza o "*rio*" largo e mansamente, — 2 —
Trazendo a recordação lá do além;
E sua pura agua *que é sem defeito* — 3 —
Tem perfume de *flôr*, unicamente.

Zé K. Lima (Santa Barbara, Minas)

Viajar de *maré cheia* — 2 —
Sempre é bom nada melhor
E só se torna peor
Se app'rece algum *edirinho* — 2 —
Ahi então o caso é serio
E' preciso ter-se arrojo.
E deixar a vela cheia
E a gente toda no *bojo*.

Tiburcio Pina (São Salvador, Bahia)

Bicho damnado é "*Cupido*"—2
P'ra bolir com toda gente;
E' um bichinho atrevido
Fere e mata de repente.

Fez com Gil uma *amizade*... — 2
(Gil, "*homem*" mais assisado
Não havia na cidade)
Entretanto está casado!...

Tercio-Filho (Recife)

LOGOGRYPHO 259

(*Ao Athenas, pelo seu "Preamar pelas Hervas"*)

Achei num "CANO" quebrado,—9,4,10,12,13,2.
Em laço "*muito*" apertado, — 3,4,10,8,11,7.
"DUAS FOLHAS" de jornal. — 6,13,14,4,1,5.
Sem "MOVIMENTO" suspeito — 12,13,14,9,4,7.
Escondi-as no meu peito
E afastei-me sem mais al.

Na primeira "REUNIÃO" — 9,5,15,12,13,2
Mostrei o achado ao João
Que presidia o partido;
Elle achou, na papelada,
Que ainda estava amarrada
Um "INSECTO"... colorido.

Cid Marlowe (R. P. — São Paulo)

PRAZOS

Terminarão: a 18, 23 e 29 de Abril proximo, a 1, 3 e 8 de Maio seguinte, respectivamente, para cada um dos grupos regionaes, já estabelecidos no regulamento, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia de prazo.

CORRIGENDA

Do n. *41*:

Batrachyomachia (74) é a decifração do n. 24. Em a NOTA, mais abaixo, o — como — da 5.ª linha deve ser mudado para — e — *Ainda* e *desejo* devem ser gryphados (Novissima 204). A — *gola* — do 7.º verso da charada 217, deve ser substituida por — *graça* —. Na *Correspondencia* a Alvaro Neves deve ler-se — deverá — e não — deverão — (linhas 6).

CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1934

Os Estados concurrentes que apparecerão com trabalhos, sem contestação, publicados na competição annual de 1934, são em numero de 8: São Paulo, Paraná, Bahia, Minas, Pernambuco, Sergipe, Pará, e mais o Districto Federal.

Para effeito dessa publicação e obedecendo á clausula 11.ª das respectivas — *Instrucções*, reuniremos as regiões em causa em 2 turmas: São Paulo com 61 artigos, Paraná com 4, Districto Federal, Sergipe e Minas com 5 cada um, constituirão a 1.ª turma; Bahia com 63, Pernambuco com 18 e Pará 4, formarão a segunda turma, ou 175 artigos, ao todo, sendo 165 pertencentes aos charadistas, que os enviaram, e 10 nossos (todos desenhados) forçados como fomos a apresental-os em vista do pequeno numero (dos dessa especie) recebido e aproveitado.

Serão 13 semanas de luta homerica e intensiva, o que equivale a dizer: 13 batalhas para o alcance do triumpho final. Ou melhor ainda: um conjuncto de 13 acções levantadas e nobres, culminando numa epopéa brilhante para aquelle que chegar a ser o Campeão de 1934.

O primeiro a disparar os seus *bacamartes* será o Bloco dos Fidalgos, de Santos: a elle pertencerá a primeira semana.

Logo, após, na semana seguinte, já o fogo virá do lado do Norte, e 13 projecteis bahianos serão disparados contra as hostes contrarias.

Na terceira semana, parte do Reducto Paulista entrará com sua offensiva, que costuma ser fulminante.

1.º TORNEIO COMMUM DE 1934

Na quarta, mais um trôço de bahianos entrará em acção. Nessa altura, o combate, já em pleno engajamento, estará ameaçando a posição de muitos contendores.

Os contingentes fornecidos por Sergipe, Minas e Paraná, em conjuncto, entrarão em luta, na quinta semana; mas na sexta, já 12 granadas pernambucanas, estarão fazendo sentir os seus effeitos *mortiferos*.

Os franco-atiradores de São Paulo, que não são *sopas*, despejarão, na ultima semana, 12 metralhas da ultima invenção, augmentando o alvoroço reinante entre os combatentes em campo.

A Bahia, que desde a quarta semana não fará outra cousa senão escorar a posição conquistada, entrará na oitava semana com mais 13 obuzes providos de gazes de toda especie (lacrimejantes, asphyxiantes, etc.), que ainda mais espalharão o desanimo nas fileiras dos seus adversarios.

As 12 granadas de mão que estarão sobrando no Reducto Paulista, serão atiradas pelos seus membros na nona semana para a garantia da posição provavelmente ganha até então, mesmo porque as 12 outras que a Bahia desfechará na decima semana não serão com certeza para desprezar, pois Alvasil estará em scena nessa occasião, e elle é um excellente pyrotechnico.

A decima primeira semana será notavel pela efficiencia dos 12 projecteis restantes dos Franco-Atiradores, de São Paulo, que, nessa occasião, deverão estar fazendo força para a devida solidificação das posições conquistadas.

Os ultimos 13 tiros restantes da Bahia serão disparados na decima segunda semana.

Finalmente, a decima terceira semana será assignalada pela entrada em campo dos 6 projecteis restantes, de Pernambuco, dos 5 desta Capital, e dos 4 do Pará.

No final de contas: 1 campeão vencedor; charadas *mortas* em penca; e vivos (graças a Deus) todos os combatentes, apenas alguns delles com um pouco menos de phosphoro na *moleira*, outros com somno atrazado e uns poucos um tanto *inchadas* as cabeças.

CORRESPONDENCIA

Dr. Kean (São Paulo), *K. C. T.*, *Edipo* e *D. Chico T.* (todos 3 do Paraná), *Lidaci*, *Lily Quaglieta* (São Paulo) — Recebidos os trabalhos.

Clirio (Bahia) — Scientes da charada a que se refere.

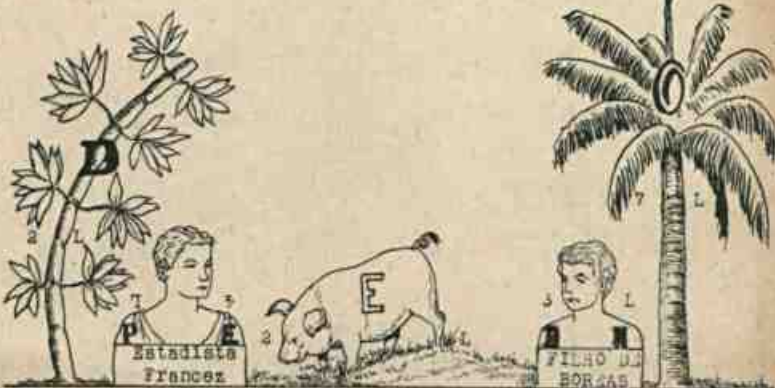
Dr. Kean (São Paulo) — Cada especie charadistica em papel separado com assignatura e citação do diccionario. Registrada a nova residencia.

Guarda Velha (Curityba) — Será possivel que seus membros não leiam o que diz O MALHO todas as semanas, nesta secção, isto é, os livros que deverão ser empregados nos torneios communs; e não tenham visto que o Silva Bastos não está entre elles?

Velhusco (Bahia) — A creança salvou-se; mas se tivesse morrido o pae teria sido o unico culpado da tragedia, porque falou no Souza e não lhe disse a edição.

Bibliophilo (Santa Barbara, Minas) — Não chegamos a tanto... Em todo caso estamos convictos de que tudo temos dado pelo charadismo, e ainda daremos. Agradecidos.

M A R E C H A L

FIGURADO 260

Alvasco (Recife)

ECOS DO CARNAVAL NOS ESTADOS

Duas lindas japonesinhas do Carnaval parahybano: as senhoritas Myosotis de Albuquerque Costa e Criselida Caldas de Oliveira, da alta sociedade de João Pessôa.

A SEMANA DA RAÇA NO RIO G. DO SUL

Professores, instructores e alumnos do Grupo Escolar de S. Jeronymo que tomaram parte na festa da Semana da Raça.

Ha um refrigerador electrico — CROSLEY — que, pela regularidade de seu funccionamento, pela engenhosidade de sua concepção, pela sua resistencia e pelo preço modico por que póde ser adquirido bem merece chamemo-lo maravilhoso.

Nenhuma inovação, nenhum acrescimo será capaz de tornar o refrigerador CROSLEY mais perfeito. Ele o é de todo. De facil funccionamento, perfeito, completo, silencioso, trabalha sem a assistencia do seu proprietario, porque controla-se a si mesmo por meio de um thermometro.

Tão perfeito é o conjuncto do refrigerador CROSLEY que seus fabricantes convencidos da resistencia do apparelho, o garantem por 4 annos — cousa ainda não feita por qualquer outra casa.

O refrigerador electrico CROSLEY possue porta-armario-Shelvador — dispositivo que augmenta de 50% a capacidade utilisavel do apparelho, a agudeza electrica interior, o conjuncto motor fluctuante e sem vibração e outros dispositivos que o tornam muito precioso entre os refrigeradores. Todas as pessoas desejam ter em casa um refrigerador. As que ainda não o fizeram é porque hesitam ante a circunstancia de ter de pagar, pela acquisição, uma importancia que varia de quatro a dez contos de réis.

O refrigerador electrico CROSLEY, que possue modelos para quatro a doze pessoas, é vendido a partir de 2:400$000.

Ante a modicidade de preço por que é vendido o maravilhoso CROSLEY ninguem tem mais o direito de hesitar.

Adquirir um refrigerador electrico CROSLEY é comprar a propria commodidade para o lar, pois os liquidos e alimentos estarão sempre gelados, conservados graças á fidelidade sem par de tão precioso utensilio.

Modelo D35 — 128 ctm por 60 x 60
42 cubos de gelo
Rs. 2:400$000 a dinheiro ou a prestações
entrada 200$000 mais 6 x 400$000
ou 13 x 200$000 ou 30 x 100$000

Modelo D45 — 142 ctm x 60 x 60
63 cubos de gelo
Rs. 2:800$000 a dinheiro ou a prestações
entrada 200$000 mais 7 x 400$000
ou 15 x 200$000 ou 35 x 100$000

Modelo D60 — 144 ctm x 74 x 65 ctm
63 cubos de gelo e travessa-sorvete
Rs. 3:600$000 a dinheiro ou a prestações
entrada 200$000 mais 9 x 400$000
ou 20 x 200$000

CROSLEY

O refrigerador ULTRA MODERNO
(com pratileiras na porta)

Peçam prospectos aos distribuidores
Galeria Cruzeiro, Rio de Janeiro **Casa Stephen**

CONCEDE-SE AGENCIAS EXCLUSIVAS NOS ESTADOS POR «CONTA PROPRIA»